



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação
Jornalismo

***Le Monde e a Imigração - mídia e a construção da
alteridade do *immigré****

Arthur Orlando Alvares dos Prazeres Filho

Rio de Janeiro
2013



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação
Jornalismo

***Le Monde e a Imigração - mídia e a construção da
alteridade do *immigré****

Monografia submetida à Banca Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

Arthur Orlando Alvares dos Prazeres filho

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Costa

Rio de Janeiro
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia *Le Monde e a imigração – mídia e a construção da alteridade do immigré*, elaborada por Arthur Orlando Alvares dos Prazeres Filho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Cristiane Costa
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Prof. Dr. Mohammed ElHajji, ECO/ UFRJ

Profa. Patricia Cecília Burrowes
Doutora em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ

Orlando, Arthur. *Le Monde* e a imigração – mídia e a construção da alteridade do immigré. Orientadora: Professora Cristiane Costa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

Resumo

Este estudo de caso sobre a atuação da mídia, simbolizada aqui pelo jornal *Le Monde*, mostra como a imprensa, mais do que meramente reprodutora e cronista da vida política e social, constituiu-se como parte de um complexo cenário de imposição de valores e estereótipos no interior da sociedade francesa. A questão migratória será o ponto focal nesta análise, visto que a figura do imigrante será tida como o símbolo maior do “outro”. Ele é problematizado, sobretudo, quando o cenário doméstico da França estiver em crise e houver a necessidade por parte do corpo político nacional de localizar as supostas ameaças ao bem-estar social e utilizá-las para unir em torno de seus políticos o maior número possível de pessoas e grupos. O estudo revelará uma França que colocará em xeque os valores fundamentais da sua república como Liberdade, Igualdade e Fraternidade ao engendrar práticas de exclusão e repressão ao estrangeiro.

Sumário

1- Introdução	06
2- A Política Identitária e a Imprensa	9
2.1- A mídia francesa em análise	14
2.2- Vozes do silêncio, a fonte política e o <i>Le Monde</i>	17
3- A construção da realidade social e o reflexo no jornal	22
3.1- Fundamentos da construção social	22
3.2- Ação social e histórica: a narrativa jornalística e a alteridade do imigrante	24
3.3- Ação ideológica: Sarkozy e o endurecimento migratório	28
3.4- Ação cultural: por uma identidade nacional	33
4 - A campanha presidencial de 2012	36
5- Conclusão	46

I. INTRODUÇÃO

A questão fundamental para este estudo é a relação entre a cobertura da questão migratória na imprensa da França, representada aqui pelo *Le Monde*, e a construção da imagem desse imigrante no interior da sociedade. O trabalho cobre desde 2007, ano em que Nicolas Sarkozy chegou à presidência da França, até 2012, ano em que a campanha presidencial foi marcada pela ascensão de Marina Le Pen, do Partido *Front National*, nas eleições. Esta candidata se tornaria notória pelo seu discurso contrário à imigração. No pleito, alcançou um percentual expressivo de votos, simbolizando o descontentamento de parte considerável do povo francês em relação à política econômica, aos efeitos da globalização e o aumento da percepção negativa da presença do imigrante no interior da sociedade.

A intensificação a partir da segunda metade do século XX dos fluxos migratórios oriundos dos países periféricos em direção aos países da Europa ocidental tem posto em debate nas sociedades receptoras temas concernentes ao nacionalismo, identidade nacional e soberania. Estas temáticas são problematizadas em diferentes âmbitos da esfera política e civil e um dos países mais afetados pela entrada de imigrantes foi a França. Tradicionalmente, a sociedade francesa teve como mote da formação de sua subjetividade valores oriundos da Revolução Francesa em que a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade são as sínteses de um pensamento tido como universal e símbolos de justiça e respeito ao indivíduo. Respeito ao indivíduo porém, aliado à solidariedade no coletivo. Na política, o Estado é pensado como a dimensão máxima onde as diferenças e tensões seriam, em tese, mediadas e a unidade garantida a partir da República Francesa

Entretanto, para setores políticos do país, principalmente a extrema direita de caráter mais conservador, o fenômeno migratório é visto como um grande problema desestabilizador da ordem política, econômica e social do Estado. Esta percepção se deve, em grande medida, à chamada “direita dura” do país que, com Jean-Marie Le Pen na década de 80, revive a noção de identidade nacional e, na segunda década do século XXI, é preservada na figura de sua filha, Marine Le Pen, líder do Partido Front National e candidata à presidência da França em 2012.

Para entendermos o fenômeno migratório na França, foram escolhidas teorias da comunicação e do jornalismo que fornecessem ferramentas de análises que aplicadas isoladamente não responderiam questionamentos múltiplos para um cenário social complexo mas que reunidas trazem abordagens explicativas muito úteis para a compreensão da realidade

migratória. Neste sentido, o campo dos Estudos Culturais nos forneceu ferramentas de análise relevantes. Este campo de estudo tem se preocupado com as representações da mídia, levantando questões de gênero, etnicidade e diásporas, por exemplo. São as chamadas “subalternidades sociais” como descrito por diversos autores como Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero, Abdelmalek Sayad e Gérard Noiriel.

Como afirma Nemézio Amaral Filho, “os jornalistas são, como qualquer um, herdeiros de uma consciência cultural específica; produtos de seu meio, dialogam com ele, integram-no.” (AMARAL FILHO, 2011:60) A afirmação é sustentada neste estudo através das análises de Stuart Hall e Abdelmalek Sayad. Ambos vislumbram dinâmicas culturais e sociais que influenciam a percepção da mídia no que se refere ao fenômeno migratório. Assim, as fortes cenas de violência envolvendo policiais e moradores compostos majoritariamente por imigrantes em consequência dos conflitos ocorridos na periferia de Clichy-sous-Bois, em Paris e outras cidades francesas, como Le Raincy, Marseille e Toulouse, em novembro de 2005, ajudaram a mudar a percepção da sociedade e do governo francês em relação às fronteiras, ao imigrante e o fenômeno da imigração (o Outro). Aliado a isso, o terrorismo e a crise econômica puseram em xeque a real necessidade de abrigar o imigrante no país, assim como localizaram o imigrante como potencial perigo à ordem e segurança nacional.

Entretanto, apesar dos Estudos Culturais serem úteis na análise do discurso midiático, estes não forneceram instrumental apropriado capazes de compreender a dinâmica da mídia e o cotidiano nas grandes empresas jornalísticas como o jornal *Le Monde*. Ou seja, a realidade das redações dos jornais não podia ser totalmente compreendida pelas lentes dos culturalistas. Seria necessário uma teoria mais próxima da realidade jornalística para entendermos o “fazer jornal”. Neste ponto o campo teórico do jornalismo tornou-se importante para o estudo e proveu ferramentas importantes de análise. Uma delas advém da teoria do “Newsmaking”, que trará como abordagem explicativa a ação social e ideológica dos agentes públicos e privados, assim como seu impacto na produção jornalística. Esses dois pressupostos, a ação social e ideológica, nos permitirão levar em consideração o contexto em que o *Le Monde* se insere na sociedade e serão revelados nas entrelinhas de discursos presentes nas matérias sempre proferidos por atores sociais, sejam eles individuais, como candidatos a cargos públicos, ou coletivos, como associações de classe como sindicatos e trabalhadores.

Já a compreensão de outras teorias do jornalismo como a do Agendamento, Instrumentalista e dos Definidores Primários, lança luz sobre dinâmicas que relacionam o poder e as empresas de mídia. A lógica do fazer jornalismo, a hierarquização das fontes pelo profissional da mídia e as consequências destes processo sobre o que é noticiado, assim como

é recebido e debatido na sociedade, são aspectos necessários para que o estudo da atuação política da mídia possa ser analisada e entendida de maneira satisfatória.

Em última instância, no que se refere à imigração, essas teorias servirão de bases de análise para matérias de jornais que evidenciam a “contradição existencial do imigrante” (SAYAD, 1998: 45). Ou seja, se o mesmo encontra-se numa condição temporária ou permanente dentro da fronteira do Estado. O grau de integração no país principalmente no que diz respeito aos seus direitos, deveres e lugar na sociedade.

A discussão neste estudo passará na maioria dos casos pela problematização da identidade, da soberania e do conjunto de valores que simbolizam o que chamamos de nacional e estrangeiro. Na França, a primeira geração de imigrantes do Magreb que começaram a chegar ao território depois do processo de descolonização (ainda que por vezes traumáticos como no caso da Guerra de descolonização da Argélia) –foram percebidos pela sociedade–, pela mídia e pelo Estado francês como necessários ao crescimento do país em pleno “boom” econômico pós-segunda guerra mundial. Após as crises do petróleo na década de 70, freando o crescimento da economia e a exaustão das políticas de bem-estar social a partir da década de 80, os filhos e netos dos imigrantes desta região desértica do norte da África, de laços muito estreitos com sua antiga metrópole, não puderam ignorar as contradições político-sociais que a imigração engredrava na sociedade até então. A contestação da ordem vigente tornou-se então inevitável ao longo do tempo.

A mídia, neste sentido, pode ser considerada fundamental neste processo de embate entre sociedade acolhedora e imigrante. Os debates que foram gerados em torno do tema respeitaram diversas visões políticas, como será visto no estudo. A escolha do *Le Monde* como jornal estudado foi simples: fugir do óbvio. A escolha de um jornal considerado de direita como o *Le Figaro* implicaria a possibilidade de aceitar que o discurso contra ou a favor da imigração respeitaria na França uma lógica dual e simples de direita-esquerda, bom – mau-, quase em sentido maniqueísta. Tradicionalmente, a direita francesa é apontada como o campo político contrário à imigração e ao nacionalismo extremo. Não sendo objeto de estudo a validade ou não de tal afirmação, este estudo tem como objetivo demonstrar que, não importando o espectro político que se baseou o discurso sobre imigração, até mesmo um jornal considerado mais a esquerda e liberal se inseriu no contexto específico na imigração como um meio de estabelecimento de alteridades e localização de ilegalidades que fomentou a percepção em seu leitor de que o imigrante e as políticas migratórias deveriam ser problematizadas e postas no debate político e social. E é sobre este trabalho da mídia que o presente estudo tentará jogar luz e compreender seus mecanismos de atuação.

2 - A POLÍTICA IDENTITÁRIA E A IMPRENSA

Dois aspectos serão fundamentais para o entendimento da política identitária e sua influência no trabalho da imprensa: a construção e utilização de estereótipos e as práticas de poder. As políticas relacionadas a esses temas poderiam ser analisadas a partir de Stuart Hall em seu livro *The Spectacle of the Other*, de 1997, em que aborda alguns elementos discursivos de promoção de diferenças na sociedade. No que concerne aos estereótipos, Hall argumenta que a estereotipificação é central na representação da diferença racial (HALL, 1997 : 257). Entretanto, para se entender, o que esse estereótipo representa, é necessário que se entenda a diferença que existe entre os *tipos* e os *estereótipos*, como proposto por Richard Dyer em 1977. Em termos gerais, a definição de Dyer colocada por Hall é da seguinte forma:

Um tipo é uma simples, vívida, recordável, de fácil apreensão e largamente conhecida caracterização na qual poucos elementos são destacados que mudam ou se desenvolvem para referir-se a um mínimo. (DYER, 1977 : 28)

No caso francês, os “tipos” que se relacionariam ao imigrante baseiam-se na crença de um grupo que pode ou não falar francês, de hábitos distintos e que, em geral, trabalhará em setores marginais da produção onde a qualificação não seja necessária mas extremamente útil.

O estereótipo poderia ser definido então a partir dos “tipos”, reduzindo todos os elementos sobre uma pessoa, exagerando e simplificando-a e, sobretudo, imputando características sem a chance de uma mudança ou desenvolvimento. Características que seriam, em certa medida, eternas. (HALL, 1997:258) Isso será relevante na questão migratória porque os estereótipos criados e imputados sobre os imigrantes naturalizam e fixam, sobretudo, as diferenças entre o imigrante e o “local”. O imigrante não será apenas o indivíduo que não fala o francês mas também o que não terá vontade de aprender. O imigrante não será o indivíduo de hábitos distintos, mas o que terá condutas que margeiam a ilegalidade e, por fim, o imigrante não será uma mão-de-obra útil apenas mas e, sobretudo, dispensável na medida em que não tiver valor no sistema econômico.

Mas ocorre que no caso da imigração se insere ainda a lógica utilitarista que justifica a presença desses estrangeiros no país. O corpo político sabe que o imigrante tem um papel

fundamental na economia do país. A problematização recairá portanto não na presença simples do indivíduo no território mas sim, na sua permanência nele.

No caso francês, a imigração é explicada por Abdelmalek Sayad partindo-se da relação existente entre o imigrante e sua função na sociedade. Segundo Sayad, essa relação se explica entre indivíduo e trabalho, só podendo ser compreendida se pensada associadamente. Os discursos propagados ao longo de décadas na França revelam-se mais emblemáticos nesse sentido quando se constata a relação entre a expansão econômica e a ampliação do espaço destinado ao imigrante na sociedade. Segundo Sayad, até a década de setenta emanavam-se tanto do horizonte político quanto social discursos, expressos, corroborados e debatidos também nos meios de informação de massa, acerca da necessidade vital da mão-de-obra imigrante para a vida econômica do país assim como, inclusive, para o equilíbrio da demografia francesa. A consequência dessas práticas discursivas foi clara: a reivindicação de um papel mais amplo dentro da sociedade, simbolizada pela obtenção da legalidade em território francês. Poderíamos afirmar ainda, ser a reivindicação da própria nacionalidade francesa, o que lhes conferiria um lugar duradouro e permanente, ainda que à margem e na parte inferior da hierarquia social.

Ao reivindicarem essa ampliação de seu espaço na sociedade, eles ultrapassavam os limites que lhes era imposto pelo Estado francês modificando assim os discursos relacionados à imigração e seu papel na sociedade. Era necessário, portanto, voltar à compreensão mais estrita do papel do imigrante. Não interessava à França estender outros direitos a esses imigrantes senão aqueles que os mantinham como trabalhadores provisórios no país (SAYAD,1998:47-48).

No campo político, a reafirmação da “identidade nacional” traz consigo a ideia de que a França deve reafirmar sua identidade e todos que compartilham dessa identidade francesa devem a amar, respeitar seus valores e saber falar francês- (argumento retirado da declaração de Emmanuelle Mignon, conselheira de campanha de Nicolas Sarkozy em entrevista ao jornal *Le Monde*, na reportagem intitulada “A identidade nacional-, uma noção recuperada pela direita dura”¹ de 14 de março de 2007). Segundo Gérard Noiriel, analisando a questão no mesmo artigo do *Le Monde*, o conjunto de imigrantes que adentram as fronteiras do país é visto como ameaça num cenário de discursos radicalizados sendo nesse contexto, aliás, que a noção de “imigração escolhida” surge.

¹ “*L’identité nationale, une notion récupérée par la droite dure*”¹

http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=984146&xtmc=identite_nationale&xtcr=3

Permeada por clivagens ideológicas e pressões tanto no âmbito doméstico quanto no internacional, a questão ganhou ainda mais evidência nas últimas duas décadas quando, de um fenômeno essencialmente social, passou a ser lido através do viés da ótica criminal e de segurança internacional. A imigração clandestina e o fluxo de indivíduos fora do alcance dos órgãos de controle fronteiriços passaram a estar ligados, dessa forma, desde ao contrabando e pirataria, até exploração de trabalho ilegal, terrorismo e problema oriundo da globalização.

No contexto da grande imprensa, o fenômeno ganhou as páginas dos jornais a partir de leituras que tinham a figura do imigrante enquanto um problema, como em situações de crise econômica e escassez de mercado de trabalho para os nativos, ou solução, lida através do equilíbrio para a demografia europeia, por exemplo. O movimento pendular em relação ao fenômeno da imigração e as medidas públicas tomadas em relação a ela sofrerá, portanto, influencia do momento político e econômico interno do país, mas também, de como essas questões são postas, pois serão a partir dessas leituras que posições políticas irão se moldar e replicar as práticas discursivas presentes nos editoriais dos jornais, por exemplo. Nas palavras de Abdelmalek Sayad, um discurso que percebe, define, pensa ou, mais simplesmente, fala do migrante sempre como um problema econômico e social. (SAYAD, 1998 : 56)

Sobre essa relação entre a imigração e o trabalho da mídia, deve-se considerar que o fenômeno da imigração em si é uma realidade muito antiga e o fenômeno migratório constitui-se por vezes independente do problema social que ela enseja. O discurso sobre a imigração não tem outra essência se não aquela imposta, sendo uma das formas dessa imposição perceber o imigrante, defini-lo, pensá-lo ou, mais simplesmente, sempre falar dele como um problema social. (SAYAD, 1991: 55-56). O trabalho do *Le Monde* (e da imprensa em geral) sobre imigração é pautado, a partir de então, na busca de relatos, discursos, descrição e reflexão, sobre como a questão será tratada pelos diversos atores da sociedade. Esses atores serão ouvidos na medida em que problematizarem e defenderem ideais de soberania e segurança, de cultura e legalidade.

Um exemplo dessa política editorial é a matéria do dia 22 de fevereiro de 2012 intitulada “Marine Le Pen denuncia a “frouxidão” de Sarkozy sobre a imigração”.² No artigo, a representante do partido Front National, argumenta que era sobretudo no campo da imigração que o então presidente Nicolas Sarkozy havia traído suas promessas de controle das fronteiras e garantia do bom compartilhamento dos recursos do Estado francês. A visão sobre

²Marine Le Pen dénonce le "laxisme" de Sarkozy sur l'immigration - http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/02/22/marine-le-pen-denonce-le-laxisme-de-sarkozy-sur-l-immigration_1646877_1471069.html?xtmc=immigration_immigration_clandestine&xtcr=22

o imigrante é ainda mais impressionante quando a candidata impõe também aos imigrantes legais uma função de parasitas dos recursos públicos, como no trecho do artigo publicado pelo *Le Monde* em 22 de fevereiro de 2012 em que Marine Le Pen argumenta que na França existiria uma “frouxidão” que permitiria aos estrangeiros em situação regular aproveitar das vantagens sociais « como nenhum outro país oferece ».³

A identidade e função do Estado francês será decidida, em certa medida, a partir das respostas e consensos que serão buscados no que irá se referir à questão migratória. Ou seja, se o Estado francês será, nos termos dos debates, imaginado pelas suas políticas lenientes ou duras, acolhedora ou excludente, legal ou permissiva em relação à entrada e condições de permanência dos imigrantes no país.

Esse viés pode ser explicado, em parte, pela leitura de David Campbell em *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity* de 1998⁴, em que o autor argumenta que o processo de estabelecimento de soberanias e a própria construção do Estado na modernidade se deu e ainda se dá através do estabelecimento de fronteiras tanto na sociedade doméstica quanto no sistema internacional (CAMPBELL, 1998 : 58). Essa lógica é evidente quando continuamos a leitura do artigo do dia 22 de fevereiro de 2012 e Marine Le Pen reafirma a necessidade de controlar a entrada das fronteiras como a mais efetiva forma de garantia da soberania nacional.

Ela propõe igualmente limitar o número de vistos turísticos ou por “razões familiares” concedidos àqueles de países com “forte risco de imigração clandestina” como, entre outros, a Argélia, a Tunísia, o Marrocos ou o Mali. Ela pretende também condicionar a obtenção de um visto para os nacionais desses países ao pagamento de uma consignação que será reembolsada no momento de partida (do território francês). Ou ainda, fazer acordos bilaterais para efetuar o controle da polícia francesa nas fronteiras na partida dos países de origem⁵

³ Un “*laxisme*”, selon M^{me} Le Pen, qui permettrait aux étrangers en situation régulière de profiter d'avantage sociaux “*comme aucun autre pays n'en offre*”.

⁴ CAMPBELL, David. *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity*. Rev. ed. Minneapolis, Minn.: University of Minnesota Press, 1998.

⁵ « propose également de limiter le nombre de visas touristiques ou pour “*raisons familiales*” délivrés aux ressortissants des pays à “*risque fort d'immigration clandestine*” comme, entre autres, ”

Mesmo pautando-se no caso americano, outro país de forte tradição migratória, Campbell defende e dialoga com a tese de Sayad e Hall no que concerne à construção de identidades, quando afirma que essas são construídas a partir da percepção de ameaças que não obedecem às condições objetivas e vai além, ao dizer que os processos de separação e criação de diferenças se dará não apenas com o que é além-fronteiras como também em qualquer aspecto no interior da sociedade que possa perturbar uma ordem anterior estabelecida. Como exemplo, ele cita o feminismo e a homossexualidade como tão ameaçadores quanto inimigos externos.

Um exemplo claro da localização dos imigrantes como problema pode ser lido na matéria de 17 de janeiro de 2012 “Delinquência: o balanço do senhor Guéant contestado pela oposição”⁶. No artigo do *Le Monde* o ministro do interior francês Claude Guéant apresenta dados sobre a queda da delinquência no país em diversas áreas. Entretanto, a oposição contesta os números, fato normal na vida política de qualquer país. O que chama a atenção é que ao fim da reportagem, invariavelmente o tema imigração entra em cena ao apresentar a visão de Marine Le Pen, então candidata nas eleições presidenciais afirmava:

a delinquência estrangeira, que salta com a imigração, se aproxima da França. Não resta nenhuma dúvida sobre a ligação entre a imigração e a delinquência, temos que reduzir em cinco anos o fluxo migratório de 200.000 para 10.000 por ano.⁷

Como consequência, a teoria hobbesiana clássica que vislumbra a sociedade doméstica sob a égide dos governos dos Estados como pertencente ao campo da segurança e da ordem, e principalmente, em oposição ao sistema internacional – anárquico por natureza - passa a ser contestada, pois se caracterizará como um ambiente de ambiguidades, incertezas e perigos. (CAMPELL, 2002: 63). Dessa forma, Campbell adota a seguinte visão para dar o tom em relação aos pontos anteriormente citados:

l'Algérie, la Tunisie, le Maroc ou le Mali». Elle entend aussi conditionner l'obtention d'un visa pour les nationaux de ces pays au paiement d'une consignation qui serait remboursée au moment du départ. Ou encore, elle veut passer des accords bilatéraux pour effectuer des contrôles de la police française aux frontières au départ des pays d'origine. »

⁷ *Délinquance : le bilan de M. Guéant contesté par l'opposition*. Disponível em http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/01/17/delinquance-le-ps-denonce-un-exercice-de-maquillage-par-m-gueant_1630632_1471069.html?xtmc=gueant_contestee&xtcr=1 data:25/04/2013

O paradigma da soberania (...) é uma problematização no sentido foucaultiano que serve para disciplinar a ambiguidade e contingência da História pela diferenciação, hierarquização e normatização do lugar no qual ele opera. Mas é também mais do que isso. A ambiguidade não é disciplinada pela referência à um fundamento previamente dado. Essa fundamentação (soberania e identidade) é constituída através do mesmo processo no qual seu nome é invocado para disciplinar a ambiguidade. (CAMPBELL, 2002 : 65)

Ou seja, se a ambiguidade, a soberania e a identidade são frutos de um movimento aparentemente simultâneo, podemos afirmar que todos irão se realizar no tempo e espaço de maneira a responder possíveis contradições oriundas da formação do próprio Estado Nacional no estabelecimento de suas fronteiras geográficas e culturais. Nesse sentido, o caso francês nos será paradigmático, uma vez que, a França apresenta uma das populações mais heterogêneas, em termos étnicos na Europa, devido à numerosa presença de imigrantes oriundos das suas diversas ex-colônias mundo afora. A França atualmente apresenta um verdadeiro conflito entre seus valores oriundos do Iluminismo do século XVIII e as demandas por espaço e inserção na sua sociedade de povos que trazem valores culturais diferentes. O problema da imigração faz da França um bom caso a ser examinado já que conjuga, em seus âmbitos doméstico e internacional, valores por vezes muito conflitantes com os valores exaltados nacionalmente, como sendo oriundos da *Liberdade, Fraternidade e Igualdade*.

2.1-A mídia francesa em análise

Para analisar o papel da imprensa e sua importância na sociedade, os pesquisadores da área de comunicação formulam diferentes teorias sobre a atuação dos jornais. Entretanto, quando estudamos o fenômeno da imigração sob o espectro da mídia, o que percebemos é que se faz necessária a utilização de diferentes reflexões e diferentes premissas para entendermos como a imagem do imigrante é construída pela imprensa e percebida pela sociedade. Como as pautas poderiam ser pensadas, as matérias feitas, as imposições das empresas midiáticas,

rotinas de trabalho do jornalista e, por fim, como as notícias eram recebidas, interpretadas e utilizadas no interior da sociedade francesa.

No estudo sobre a construção da imagem do imigrante pelo *Le Monde* e seu impacto, podemos lançar mão de algumas análises teóricas levando em consideração que cada uma dessas análises funcionam como lentes que enfocam algumas partes da realidade social, política e midiática.

A relação causal entre a agenda midiática e a agenda pública pode ser compreendida ao partirmos da hipótese fundamental descrita por Shaw McCombs em 1979 no estudo *Agenda-Setting and Mass Communication Theory* presente no *International Journal for Mass Communication Studies*:

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos conhecimentos, aos problemas, às pessoas.
(SHAW apud WOLF, 2005 : 143)

Em relação ao caso da imigração na França e o papel da mídia na construção da imagem dos imigrantes, essa hipótese ajuda a compreensão, visto que funcionaria como agente que pautaria o assunto “imigração” na ordem do dia em diversos momentos. Como afirma Shaw, os meios de comunicação de massa forneceriam mais do que um certo número de notícias mas, sobretudo, categorias em que os destinatários poderiam facilmente situá-las de significativo. (Shaw apud WOLF, 2005 :145) Como analisado por Shaw, a compreensão dos efeitos do “agendamento” dos assuntos só pode ser bem compreendida se partirmos do pressuposto que esses efeitos só poderiam ser percebidos no longo prazo. (Shaw apud Wolf, 2005: 146) Sendo assim, o efeito cumulativo desse agendamento é o que tornaria possível a construção de imagens por parte dos leitores do *Le Monde*.

Se fizermos uma análise simples na quantidade de matérias que foram divulgadas pelo *Le Monde* no período de cinco anos com o termo de busca “imigração” em seu site impresso ou virtual, veremos que foram divulgadas 2425 matérias ao longo dos cinco anos. Se a busca for por “imigração clandestina”, tem-se 546 publicações. O que é mais interessante de notarmos

no site do *Le Monde*⁸ são as sugestões de buscas que o site sugere para refinarmos possíveis buscas sobre imigração:

1. reagrupamento familiar
2. Laetitia Van Eeckhout
3. imigração clancestina
4. Eric Besson
5. Brice Hortefeux
6. situação irregular
7. fluxo imigratório
8. identidade nacional
9. M. Hortefeux
10. Cimade (serviço ecumênico de assistência aos estrangeiros na sua chegada, como a Caritas no Brasil)

Em todas as sugestões de buscas e refinamento o que aparece é a problemática imigrante ou aspectos ligados ao fenômeno, o que sugere que o tema está pautado sob um prisma que enxerga o imigrante sob o aspecto político, legal e criminal. Em todas essas publicações, o que temos é uma oportunidade de discutir o imigrante e a sua condição de estadia. Entretanto, o número de matérias que aparecem sob a busca de, por exemplo, “arte + imigrantes”, são três, mas nem sequer fazem referência aos imigrantes na França. Obviamente esse tipo de pesquisa não tem um caráter científico e nem respeita uma metodologia mais apurada mas, sugere que o tema “imigração” não é pensado sob uma ótica positiva quando vai para os jornais. O estrangeiro dessa forma é circunscrito em uma lógica que vai do exótico (quando for positivo) ao clandestino (numa lógica negativa).

Entretanto, como exposto por Mauro Wolf ao analisar alguns casos de agendamento, sobretudo os trabalhos de McClure–Paterson, existe uma diferença entre o consumo de notícia televisionado e impresso.

De acordo com McClure e Paterson, ambos os meios seriam dotados de um poder de influencia. As notícias televisivas, segundo eles, por serem muito breves, velozes, heterogêneas e “amarradas” num formato temporal limitado, seriam muito fragmentárias para ter um efeito significativo de agenda o que não permitiria uma eficácia cognitiva duradoura.

⁸ Busca efetuada no site do Le Monde

http://www.lemonde.fr/recherche/resultats.html?keywords=immigration+Cimade&mode=and&exclude_words=&part=all&author=&date_selector=precise_date&start_day=1&start_mont h=5&start_year=2007&stop_day=1&stop_month=5&stop_year=2012&sort=desc&token=MT M0MDcwMTk3MzIxMzIKREoxMkoz

Por outro lado, a informação impressa possuiria ainda uma capacidade de indicar com eficácia a variada relevância dos problemas apresentados. (Wolf, 2005 : 148). Como apresentado por McClure & Paterson, “a informação impressa fornece aos leitores uma indicação forte, constante e visível de saliência” (MCCLURE – PATTERSON apud WOLF, 2005: 148)

Esses argumentos dos autores só reforçam a importância do *Le Monde* na construção da imagem dos imigrantes na França. Ao se promover os debates em torno da questão nos canais de televisão, o fato desse mesmo debate ter repercussão contínua em diversos espaços do jornal impresso, sejam eles editoriais, reportagem, cartas dos leitores e manchetes, só reforçará a impressão de que determinado assunto não pode ser desconsiderado em qualquer conversa sobre política, sociedade e economia nas ruas, bares e *brasseries* franceses. Esse movimento de agendamento cotidiano e no longo prazo levanta por fim, a problemática dos estereótipos, como Sayad e Hall colocam em seus Estudos Culturais, ou seja, como a imagem construída de forma simplificada e distorcida de entender a realidade molda a realidade social de fato. Dessa forma, fica evidente que a mídia será, para esses teóricos do agendamento e dos estudos culturais, a principal ligação entre os acontecimentos e as imagens desses acontecimentos na mente do público.

Nesse sentido, podemos afirmar que a condução da discussão migratória na França esteve pautada pelos cidadãos na medida em que houve um maior número de matérias que eram pautadas pelos jornais franceses. Esses momentos tradicionalmente ocorreram na França em momentos de indefinição política ou econômica. Como afirma Felipe Pena, a análise a partir da teoria do agendamento não tem como objetivo verificar mudança de votos ou atitudes e sim, a influência da mídia na opinião dos cidadãos sobre quais assuntos devem ser prioritariamente abordados pelos políticos. (PENA, 2005 : 144) Se considerarmos o aumento das matérias referentes aos impactos da imigração na sociedade francesa, veremos que as discussões se intensificaram na medida em que as condições de acesso para o homem francês ao mercado de trabalho e segurança estiveram em baixa.

2.2- Vozes do silêncio, a fonte política e o *Le Monde*

Ao jogarmos luz sob o poder das fontes privilegiadas na construção das notícias, conseguimos analisar as possíveis distorções que ocorrem na cobertura dos fatos pelos jornalistas quando eles acabam considerando as opiniões mais relevantes aquelas oriundas de posições institucionalizadas, ou seja, políticos ou representantes do Estado, na condução de um ponto de vista primário no que se refere a um assunto. Como apontado por Traquina, a

interpretação que será dada pelos definidores primários servirá como lugar de referência para todos os debates e coberturas que virão futuramente no que diz respeito a algum fato público. (Apud PENA, 2005 : 154)

Poderíamos afirmar que existe uma simbiose entre o corpo político e a imprensa. Isso porque a própria rotina jornalística favorece e dá peso a opinião de determinados grupos de pessoas e instituições no interior da sociedade e na redação. Como descrito por Pena, a preferência pela opinião dos poderosos funciona, na verdade, como uma defesa para o jornalista. (PENA, 2005 : 154) A opinião daqueles em postos de comando e sua influência dão um carácter oficial as matérias. Ao repórter basta apenas procurar um lado que se contraponha. A objetividade é, em tese, alcançada e a empresa jornalística se exime de possíveis favorecimentos ou tomada de posição. Apesar de poder ser relativizada, o mais importante da teoria dos definidores primários é a que a mídia acaba por reproduzir, como afirma Stuart Hall, a ideologia dominante e perpetua o status quo. Esse argumento é exposto no seguinte trecho:

Os próprios defensores da teoria tratam de relativizá-la. Para Stuart Hall os jornalistas têm uma lógica específica (cultura profissional) e podem entrar em conflito com os definidores primários. Além disso, há sempre uma disputa pelo poder entre as instituições, o que pode levar a contradições sobre o mesmo assunto. As reportagens investigativas, por exemplo, podem desafiar fontes poderosas. (...) Mesmo assim, Hall insiste em classificar esses fatores como secundários, pois o ponto chave da teoria é que a mídia reproduz a ideologia dominante e perpetua o status quo. (HALL apud PENA, 2005 : 155).

Como na matéria “Delinquência: o balanço do senhor Guéant contestado pela oposição”⁹ sobre a situação da criminalidade e da delinquência de 17 de janeiro de 2012 apresentada no início desse capítulo, apenas os líderes de todos os partidos foram ouvidos pelos jornalistas a cerca da situação criminal da França. Todos tinham opiniões contrárias aos dados apresentados pelo ministro francês mas, em nenhuma linha da reportagem, apareceu um pesquisador ou mesmo uma pessoa comum para colocar sua avaliação aos dados apresentados ou mesmo contestá-los, apresentando outros dados ou a sua insatisfação. Os próprios dados dos outros políticos não foram problematizados, bastando apenas as declarações dadas que,

⁹Délinquance : le bilan de M. Guéant contesté par l'opposition
http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/01/17/delinquance-le-ps-denonce-un-exercice-de-maquillage-par-m-gueant_1630632_1471069.html?xtmc=bilan_delinquance_gueant&xtr=6

para fins de legitimidade, em todos os casos representavam a princípio, a opinião (não apresentada pelo jornal) da população em geral.

Essa característica estará presente em inúmeras matérias ao longo dos anos. O espaço para opiniões do público em geral será restrito basicamente ou ao espaço dado às cartas dos leitores ou, no caso da internet, ao espaço de comentários. As páginas dos jornais serão, nesse sentido, diagramadas para os pronunciamentos oficiais. E políticos para falarem ao *Le Monde* não faltará.

Essa abundância de fontes políticas pode ser compreendida no contexto francês, a partir do trabalho de Natalie La Balme acerca das mídias que mais influenciam os tomadores de decisão franceses, particularmente o chefe do poder executivo, seus ministros e assessores diretos. Segundo La Balme (LA BALME, 2000 : 267)-, majoritariamente (cerca de 94%) dos alto escalão do governo francês entre os anos de 1996 e 2000 consideravam os diários *Le Monde*, *Le Figaro* e *Libération* como as suas principais fontes de informação acerca da opinião pública vigente no país e confirmavam a sua importância como veículos difusores e orientadores das tendências políticas das vertentes que representavam: a centro-esquerda, a centro-direita e a esquerda, respectivamente. A importância dada aos seus diários nacionais pelos políticos franceses denota que os veículos de imprensa constituem eles mesmos manifestações legítimas da identidade francesa, aceitos e lidos devido ao seu compartilhamento identitário que reifica as diferenças. Se analisarmos do ponto de vista teórico dos definidores primários, o que podemos afirmar é que esse corpo oficial verá nas impressas as suas próprias opiniões estampadas nas manchetes, entrevistas e temas de editoriais, sejam a favor ou contra. Assim, eles têm uma medida de sua popularidade, seus erros e acertos na disputa pelo poder no espaço público.

Se deprendermos de sua atividade que a mídia tem a capacidade de colocar ou retirar temas da sua pauta (teoria do agendamento, seus interesses terão como pano de fundo a vontade por parte dos diários de maior circulação no país de influenciar os agentes políticos mais próximos de suas vertentes políticas e contrapor aquelas mais distantes, de maneira a se inserirem nos debates políticos através do conteúdo discursivo presente em cada caderno de notícias que aborde a condução de políticas públicas. Esse conteúdo discursivo trará em seu corpo sempre o germe da afirmação da diferença quando tiver o imigrante como foco de sua pauta.

Milbrath explica que o conjunto de inter-relações entre os atores de política constituintes de uma rede de comunicação pode ser encarado como sendo basicamente de duas naturezas: a primeira, que diz respeito às relações de caráter formal e constitucional, ou

seja, decisões que são oriundas e repercutem no âmbito político através daquelas produzidas por um corpo de oficiais governamentais apontados ou eleitos e que são colocados em suas funções através dos votos do corpo político da sociedade. Em geral, essas decisões costumam ser, de acordo com o autor, de caráter governamental mais autoritário, exercida através de leis, ordens de execução e decisões judiciais (MILBRATH, 1967:233).

Essa característica apontada por Milbrath tem suma importância se constatarmos a importância que adquiriu ao longo dos anos na França as decisões oriundas de políticos e agentes governamentais, como ministros e chefe de governo, na condução da política de imigração, além da sua presença na mídia como protagonistas do debate sobre a questão, sobretudo, quando incidentes e crises relativos à segurança e o fenômeno da imigração estiveram associados e sendo cobertos pela grande mídia. Neste caso, as lideranças políticas surgiam como vozes à frente dos problemas. Entretanto, elas nada mais fizeram do que responder ao público as questões que os jornais já haviam colocado em relação ao sentimento de segurança nacional e solução de problemas econômicos mas que, para o *Le Monde*, era necessário ter uma opinião desses governantes e oficiais sobre o problema para que os debates pudessem ser estabelecidos.

Percebe-se que o *Le Monde* tem trazido consigo mecanismos de exclusão e de reprodução da desigualdade e da intolerância, que acabam, por sua vez, por influenciar e serem influenciados pela posição das lideranças francesas quanto à migração. Entretanto, para entender como essa lógica funciona na prática é necessário compreendermos o fenômeno descrito pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann como “Espiral do Silêncio”. De maneira geral, a autora defende que a reprodução das ideologias dominantes se dá pela própria relação que existe entre a mídia e a opinião pública, onde os indivíduos buscam, segundo Noelle-Neumann, a integração social através da observação da opinião dos outros e se expressam nos parâmetros da maioria. (PENA, 2005 : 155).

Mesmo no ambiente político francês, notoriamente marcado pela divisão entre esquerda e direita política, essa divisão clara de posicionamento é reproduzida nos seus impressos. O *Le Monde*, sendo um jornal considerado mais de centro-esquerda no país, terá jornalistas que buscarão ser coerentes com a posição do jornal. Da mesma forma farão os leitores. Se o seu principal veículo formador de opinião dedica em suas páginas debates em determinado termo, o leitor da notícia irá se inserir no debate através dos mesmos parâmetros. Como efeito, a possibilidade de opiniões contrárias à tradicional divisão direito-esquerda será “abafada” pelo ambiente de debate já estabelecido previamente politicamente. A manutenção do status quo se efetivará.

No que diz respeito à imigração o que se observa é o pautamento pela mídia da questão em torno das premissas que a política tornou como prioritária. A imigração continuamente entendida como um caso de problematização da ordem social, econômica e cultural. Sendo assim, o horizonte que o francês médio terá sobre a imigração será sob esses mesmos parâmetros ao ler os editoriais e reportagens do *Le Monde*. Até os leitores franceses mais críticos estarão pautados sob essa lógica, não por quererem mas por serem obrigados, pois qualquer mudança de eixo jornalístico não encontrará espaço em páginas comprometidas com matérias que respeitam a lógica de exclusão já estabelecida.

3-A construção da realidade social e o reflexo no jornal

A compreensão da sempre complexa realidade social de um país por si só é objeto de incontáveis análises e teorias nos mais diversos campos das ciências político-sociais. Essas teorias tem como finalidade buscar a compreensão dos fenômenos e interações sociais que, em última instância, ganham seu aspecto concreto nas práticas discursivas contidas nos meios de comunicação, plataformas políticas e ações populares ou de governos. Neste estudo, a atuação do *Le Monde* no que se refere à compreensão do fenômeno da imigração pelo público francês é encarado como o indutor pela qual as análises são feitas. É assim, o objeto principal a ser estudado. E para isso, a fundamentação teórica das análises faz-se primordial pois é a partir dela que os “filtros” e pressupostos são expostos. A necessidade de se utilizar teorias de jornalismo mais complexas do que a do newsmaking-, por exemplo, surgiu devido à riqueza e, por consequência, complexidade que o tema da imigração demonstrou quando analisadas as notícias vinculadas pelo *Le Monde*. Se o campo do jornalismo se beneficiou pelo surgimento de teorias cada vez mais refinadas isso se deu graças a necessidade que os pesquisadores encontraram de explicar uma realidade cada vez mais complexa onde a mídia passou a exercer de fato um papel central na vida da sociedade. Ela passou a ser, portanto, um componente fundamental da construção social no mundo ocidental do século XX e XXI e, no caso francês, não foi diferente.

3.1- Fundamentos da construção social

A mídia, representada aqui pelo jornal *Le Monde*, ainda que considerada de centro-esquerda, também participou das diversas estratégias discursivas de marcação de fronteiras identitárias e papel do imigrante na sociedade. Apesar de menos radical se comparada aos setores de extrema direita, o que se observa é que o comprometimento da esquerda com seus sindicatos e classes de trabalhadores também irá encarar o fenômeno da imigração como sendo potencialmente prejudicial para o trabalhador francês. Essa questão será posta em diversos momentos, sobretudo quando o quadro econômico se agrava e a localização de malefícios da globalização recair sobre a figura do imigrante que será considerado um concorrente no mercado de trabalho.

Teorias de jornalismo como a do Espelho e Newsmaking abordam os aspectos práticos do “fazer jornalismo”, ou seja, como seria a atuação e as condições de trabalho do jornalista e sua empresa midiática. A Teoria do Espelho, há muito ultrapassada, parte da

premissa de que os jornais apenas refletem a realidade da sociedade sendo fortemente baseada na crença do objetivismo do método científico e, por isso, imune às diferentes “interpretações” que poderiam advir da opinião pessoal do jornalista. A reportagem é, neste ponto de vista, o resultado de um trabalho investigativo que obedece métodos e procedimentos imparciais que dão à notícia a credibilidade junto ao leitor de que, aquilo que está sendo noticiado é a verdade dos fatos. Neste sentido, a produção do *Le Monde* faria parte de um conjunto de processos lógicos que levariam a produção de matérias que dariam, por sua vez, a impressão de refletirem o imigrante em sua natureza mais verdadeira, ou seja, a causa de diversos problemas sociais advindos da sua condição ilegal. O grande problema dessa teoria é que ela não deixa margem a questionamentos do que é noticiado. Se a notícia é apenas um reflexo da realidade como argumentado, poderíamos erroneamente considerar que a realidade é algo dado, cabendo apenas aos cientistas sociais verificar os fatos e não analisá-los em sua gene.

Essa percepção do trabalho da mídia altera-se a partir da segunda metade do século XX, quando as teorias construtivistas fundamentadas em análises sociológicas e antropológicas da sociedade passaram a pôr em xeque as teorias baseadas apenas no método científico. Teóricos como Michel Foucault na Sociologia, Gaye Tuchman e Michael Schudson no Jornalismo, e David Campbell, nas teorias do Estado e Relações Internacionais, partem dos pressupostos de que os jornais fazem parte de um conjunto de dispositivos sociais que ajudam a engendrar lógicas de poder e organização da sociedade. Esses teóricos deram as ferramentas necessárias para entendermos como os discursos são produzidos, quais as pressões externas que sofrem e como eles ajudam a constituir a sociedade e organizá-la.

No que se refere ao jornalismo, alguns critérios são fundamentais nessa análise. Isso porque os teóricos do “Newsmaking” reconhecem algumas lógicas internas dos jornais que fundamentam o trabalho jornalístico. Como apontado por Felipe Pena em sua análise sobre o trabalho de Gaye Tuchman sobre mídia, três grandes obrigações compõem o fazer jornalismo: tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável, elaborar formas de relatar que não dêem à notícia um tratamento idiossincrático e organizar no tempo e espaço os acontecimentos levando-se em consideração a imprevisibilidade dos fatos. (GAYE TUCHMAN apud PENA, 2010; 129). A organização da produção jornalística respeitará um conjunto de práticas e lógicas internas que ajudarão a empresa de mídia e seus jornalistas a produzirem diariamente fatos supostamente de interesse coletivo.

No que se referem à imigração, essas práticas ganham enorme importância visto que será a partir delas que serão evidenciadas práticas de exclusão e reconhecimento de “perigos”

no interior da sociedade francesa. Como argumentado por Tuchman, o critério de noticiabilidade é negociado por vários profissionais da redação e baseia-se nos critérios de valores notícia, que definem quais acontecimentos são significativos e interessantes para virarem notícia.

O fenômeno da imigração será tratado de maneira mais relevante pela imprensa francesa quando esse estiver relacionado ao fenômeno migratório na França ou na Europa, devido ao espaço Schengen, acordo de 1996 que prevê a livre circulação de pessoas e bens no interior do bloco. Em qualquer um dos casos, o fenômeno da imigração foi internalizado pelo cidadão francês como algo a ser discutido e debatido, sobretudo o cidadão conservador que encara o processo de globalização e diminuição das fronteiras nacionais como sendo perigosos ao bem-estar social francês e um perigo a identidade nacional.

Michael Schudson e Shoemaker et alli (SCHUDSON, SHOEMAKER et alli apud PENA, 2010: 132 e 133); propõem um conjunto de seis forças de interações ou ações que constroem a produção jornalística e tornam possível a análise de sua importância no conjunto da sociedade. Essas forças seriam a ação pessoal, social, ideológica, cultural, meios tecnológicos e histórica. Como afirmam os autores Peter Berger e Thomas Luckmann ao concluir o livro *A construção social da realidade*, “Não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (BERGER et alli apud PENA , 2006 : 132) Ou seja, é somente na interação existente entre os diversos setores da sociedade que podemos compreender os impactos dessas interações.

Dessas seis forças, podemos destacar como as mais relevantes para o presente estudo da construção da imagem do imigrante pelo *Le Monde* a força da ação social, ideológica e cultural. As três forças são determinantes nesse estudo visto que remetem diretamente à importância do contexto social e condições em que o jornalista irá produzir as notícias. A preponderância em relação à ação pessoal de qualquer ator será evitada nesse estudo. Apesar do período estudado fazer parte do mandato presidencial de Nicolas Sarkozy, por mais que algum ator possa por vezes atuar com maior ou menor intensidade na condução dos debates no país, o que podemos afirmar é que a construção do cenário sobre o qual a imigração será debatida foi fruto de diversos consensos, debates e estratégias discursivas que envolveram toda a sociedade francesa. Nesse sentido, no que concerne a força da ação pessoal, mesmo sendo tentador imputar possíveis responsabilidades sob políticos ou empresários específicos, tal estratégia levaria a falsa crença de que existiriam inocentes e culpados. Vítimas e algozes.

Como veremos ainda, as ações da força histórica e dos meios tecnológicos servirão muito mais como plano de fundo para as demais ações destacadas no que concerne à

condução das políticas de imigração na França e a problematização do fenômeno no país do que um viés explicativo.

3.2- Ação Social e Histórica: a narrativa jornalística e a alteridade do imigrante

Tendo em vista as considerações anteriores, um dos debates que voltou à tona no final da década de 90 na França foi aquele que dizia respeito à escolha dos grupos de imigrantes que seriam considerados bem-vindos pelas autoridades de imigração da França. A esse respeito, a imprensa francesa passou a cobrir o debate a partir de duas perspectivas conceituais: a da “migração econômica” e da “migração familiar”. Esta distinção entre as modalidades de imigração que deveriam ser consideradas atraentes aos interesses do país, já afirma por si só uma constituição da identidade francesa em relação ao fenômeno migratório, impondo aos indivíduos migrantes condições de acolhimento na sociedade assim como o tempo de sua permanência no território, em que a integração tem um tratamento secundário nas abordagens midiáticas e políticas.

O conceito de “migração econômica” na França não era novo. Desde a década de 70, o fluxo de imigrantes na França se baseou na abertura das fronteiras para postos de trabalho aos indivíduos oriundos principalmente das ex-colônias francesas, sobretudo da região da África Ocidental do Maghreb. O influxo de imigrantes baseava-se na vinda de mão-de-obra essencialmente masculina e com duração de contratos de trabalho temporários. A chegada desse tipo de imigrante à França concentrou-se ao longo do tempo nos grandes centros urbanos do país, principalmente, a região de Île-de-France (centro político do país), Rhône-Alpes e regiões PACA (Provence - Alpes - Côte d’Azur) acompanhando o crescimento do país nas décadas de 60 e 70, principalmente nos postos onde a qualificação do trabalhador deveria ser menor. (informação divulgada pelo *l’Institut National de la Statistique et des Études Économiques* e publicado pelo *Le Monde* em 24 de agosto de 2006).

Entretanto, o que se constatou a partir do início da década de 80 foi o crescente número de imigrantes adentrando as fronteiras francesas com um perfil bastante distinto da originalmente pensada. O perfil migratório passou a ser constituído basicamente por mulheres e crianças que tinham como objetivo se estabelecer em território francês de maneira definitiva. O caráter temporário da imigração passava a ser permanente nesse movimento, um caráter descrito pelo sociólogo Abdelmalek Sayad em sua obra “*A Imigração e os Paradoxos da Alteridade*” (SAYAD, 2000) em que o autor condiciona em grande parte a razão de permanência do imigrante no território ao trabalho (imigração econômica).

Todavia, o que se constata na prática é que essa condição também se realiza no âmbito privado das famílias imigrantes, o que denota e traz consigo um efeito não previsto pelo Estado francês, uma imigração familiar que, no cálculo governamental, não entrará no coeficiente de benefícios advindos da utilização de mão-de-obra barata e sim, de custos para o sistema de bem-estar social do país. Dessa maneira, o assunto passou a ser debatido pelas autoridades francesas e acompanhado pelos setores da sociedade civil e política da França ao longo das décadas de 90 e 2000.

Em julho de 2008, a França propôs enquanto país presidente rotativo da União Europeia um pacto concernente à imigração que visou estabelecer regras comuns. Esse movimento pode ser considerado como fruto dos debates internos que vinham sendo travados desde a assinatura do Tratado de Amsterdam em outubro de 1997, que estabeleceu o Método Comunitário em relação às regras de estabelecimento de imigrantes nos países do bloco europeu. Até então a preocupação parecia ser em relação ao alargamento que viria ocorrer em 2004 do bloco em direção ao Leste Europeu. Entretanto, se analisarmos o processo pelo qual o debate foi sendo travado no interior da sociedade francesa, o que podemos notar é que as reais preocupações da França passaram a dizer respeito à imigração principalmente dos países fora do bloco, notoriamente, a oriunda da África, já que essa representava o maior grupo de imigrantes já presentes em seu território e que ainda apresentavam tendência de aumento, o contrário do observado em relação à mão-de-obra imigrante oriunda de outros países na Europa.

A utilização por parte dos principais meios midiáticos de termos como *sem-documentos*¹⁰ ou “*clandestinos*” para designar os imigrantes em situação irregular no país passou a ser replicado também pela maior parte da classe política francesa quando dizia respeito aos estrangeiros, e as alcunhas tornaram-se correntes em quase todos os debates em que o fenômeno era discutido. Esse processo de reconhecimento de identidades a partir de processos de redução de características ficou muito evidente na França e, particularmente nesse país, essa redução estava ligada aos processos administrativos do Estado francês que conferiam a legalidade ou ilegalidade da permanência dos imigrantes sobre o território.

Esse conjunto de práticas inerentes ao processo de construção de subjetividades e reconhecimento das mesmas através do processo de exclusão e negação da diferença, simboliza o que David Campbell chama de “política externa” no âmbito doméstico. Esse processo é ilustrado por Abdelmalek Sayad da seguinte forma:

¹⁰Sans-papiers

Na vida quotidiana, as exigências que se têm em relação a ele são percebidas por ele (imigrante) com sendo para marcá-lo como suspeito. Esta é a função das verificações de documentos múltiplas: Ele tem a obrigação (...) de mostrar constantemente seus documentos, de apresentar, para cada um de seus gestos, em qualquer circunstância e na frente de todos (não só da polícia), a prova de sua identidade (documento de identidade), da regularidade de sua presença (título de estadia), de seu domicílio (recibo de aluguel), de seu trabalho (hollerith), e de sua renda (comprovantes que podem até ser a exibição de recibos pessoais). (SAYAD, 1998, p.53)

O processo pelo qual os jornais criam e utilizam as terminologias como “*sans-papiers*”, portanto, nada mais é do que constituição dos discursos promotores de política de diferenciação na França. Se o indivíduo está sem documentos, o Estado deverá ter uma política para este indivíduo, política essa que torna-se visível nos procedimentos policiais de verificação de documentos dentro e nas fronteiras do Estado. O contingenciamento dos indivíduos irregulares na França e a progressiva política de securitização em torno da imigração ilegal já era manchete em jornais poucos dias após a assinatura do Tratado de Amsterdam como mostra a manchete do *Le Monde* de 14 de outubro de 1997:

“Jospin: Os “Sem-documentos” não regularizados devem deixar nosso território”¹¹

A resposta de grupos civis imigrantes diante do endurecimento político francês também foi manchete no jornal como no caso da greve de fome de 20 ilegais em Lille no início de 1998: “Vinte “*sans-papiers*” continuam uma greve de fome de cinquenta e dois dias em Lille.”¹². *Le Monde*, 9 de janeiro de 1998

Propostas diversas que faziam referência à necessidade do Estado francês controlar a entrada e permanência dos imigrantes -no território advinham de todas as posições políticas fosse de um líder de centro-esquerda, fosse de um líder de direita. O ponto de convergência não importava a origem eram os discursos investidos de um caráter novo, uma proposta que

¹¹M. Jospin : les sans-papiers non régularisés « devront quitter notre territoire » Disponível em http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=287654&xtmc=immigration&xtr=4 *Le Monde*, 14 de outubro de 1997. Último acesso em 25/04/2013

¹²Vingt sans-papiers observent une grève de la faim depuis cinquante-deux jours à Lille http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=119320&xtmc=greve&xtr=6

atendesse tanto os interesses dos imigrantes quando da França. Apesar da sutileza dos discursos moderados ou da voracidade que os mais extremados defendiam suas ideias, o que podemos constatar é a existência entre as elites intelectuais e políticas francesas de um consenso em torno da questão: o acesso dos imigrantes precisa ser controlado e essa responsabilidade reside nas principais instituições estatais do país, uma análise já preconizada desde os anos 80 pelos partidos de extrema-direita encontrando sua voz mais ativa na figura política de Jean-Marie Le Pen e, sobretudo, sua filha Marine Le Pen, ambos do Partido Front Nationale.

Dessa forma, podemos afirmar que esse cenário consensual foi possível na medida em que os diários franceses constituíram -na esfera pública- um debate em torno da condição do imigrante dentro da França. Essa constituição advinda da mídia não necessariamente dizia respeito à xenofobia ou luta explícita contra o imigrante (que constituía os discursos políticos da chamada “direita-dura”), mas, ao retratá-lo, o fez de maneira dualista como, por exemplo, ao colocar de um lado, os imigrantes, ou seja, trabalhadores estrangeiros ou estrangeiros em trabalho,² e do outro os desempregados franceses ou franceses desempregados (SAYAD,1998:52)

3.3-Ação ideológica: Sarkozy e o endurecimento migratório

Como já preconizado por Jean-Louis Debré, a França de fato elegeu um homem de Estado, mas somente em 2007 para os padrões direitistas. A candidatura de Nicolas Sarkozy em 2007 já suscitava intensos debates em torno das ligações pessoais que existiam entre o político e grande parte dos empresários de mídia desde a década de 80, dentre eles *Arnaud Lagardère (Hachette Filipacchi)*, *Alain Minc (Conselheiro do Le Monde)*, *Serge Dassault (Figaro)*, *Bernard Arnault (LVMH- Louis Vuitton Moët Hennessy)*, presente na imprensa econômica) como mostra a reportagem do *Le Monde* de 20 de fevereiro de 2007:

Nicolas Sarkozy, vinte e cinco anos de investimentos nas mídias.¹³
Le Monde, 20 de fevereiro de 2007

¹³ Vingt-cinq ans d'investissement dans les médias investissement dans les médias http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=977626&xtmc=sarkozy&xtcr=48

Ou ainda, como Nicolas Sarkozy foi apresentado por Arnaud Lagardère numa palestra para seu grupo de comunicação:

Nicolas não é uma amigo, é um irmão ¹⁴

Le Monde, 20 de fevereiro de 2007

Nesse artigo de Raphaëlle Bacqué, é apresentado de forma bastante clara como foram sendo estabelecidas as relações entre o político de direita representado pela figura de Sarkozy e o seu alinhamento com a vertente ideológica dos homens à frente da veiculação de informações na França. Essa influência dos “*chefs*” é confirmada na passagem presente na seguinte passagem:

Ministro, ele aprendeu muito concretamente a estruturação capitalista dos grupos de imprensa. Se as redações são seduzidas pela esquerda, seus patrões são, tradicionalmente, mais liberais que os socialistas.¹⁵

Entendendo as terminologias “liberais” do artigo no seu conceito mais tradicional, aquele que diz respeito à liberdade preconizada pelas direitas conservadoras, entende-se como mote ideológico o capitalismo de mercado, o Estado como instituição reguladora entre as relações sociais, de mercado pautados no individualismo ligado à competição e, principalmente, o nacionalismo. Sarkozy encarnava dessa forma, segundo Bacqué, a figura do “*bom cliente*”- (*Le Monde*, 20 de fevereiro de 2007)

Sobre o tema, alguns debates foram publicados pelos principais jornais na tentativa de esclarecer suas posições no que concerne à informação. De acordo com os jornais, suas redações estariam pautadas nos princípios da imparcialidade, profissionalismo e honestidade. Entretanto, fica claro que mesmo esse debate, visando distanciar os chamados “*patrões*” dos principais jornais daquele trabalho exercido pela imprensa, já demonstra que os jornais exercem, sim, um papel de constituição da identidade política e são, de fato, promotores de determinados discursos. Esse fato pode ser comprovado quando observamos que Serge Dassault, presidente do *Le Figaro*, acumula também a função de senador da República pelo mesmo partido de Sarkozy, o UMP. O mesmo senador sofreu denúncia por

¹⁴ http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=977626&xtmc=frere&xtcr=6

¹⁵ http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=977626&xtmc=frere&xtcr=6

parte de integrantes do Partido Socialista francês de que o mesmo teria ligações estreitas demais com Sarkozy e exaltar o recém-eleito presidente como o melhor que a França poderia ter escolhido em um editorial do seu jornal. (*Le Monde* de 03 de janeiro de 2008)¹⁶.

Dessa forma, devido ao seu posicionamento ideológico conservador, à sua retórica articulada e, principalmente, à sua função de porta-voz dos discursos construídos pelos setores empresariais da mídia, Sarkozy passou a ser protagonista da vida política na França tanto nos meios impressos quanto televisivos e publicitários. Não obstante, a polêmica também faz parte do aparato constituinte de política externa do país, cercado os objetos debatidos de controvérsias e marginalizando-os ao mesmo tempo de os colocar em evidência. Não é à toa, talvez, que Sarkozy seja amigo também de Stéphane Courbit, presidente da Endémol, produtora famosa por seus “*reality-shows*”.

O acirramento dos debates em torno da imigração ganhou força nos início dos anos 2000, com a entrada na vida política nacional francesa de Nicolas Sarkozy ainda como ministro do interior francês durante o mandato presidencial de Jacques Chirac em 2006. Como presidente do partido de centro-direita UMP (Union un Mouvement Populaire) e ministro do Interior, Sarkozy aprovou leis de restrição à imigração ilegal e levou à frente o trabalho de combate à clandestinidade, incluindo deportações e projetos que visavam à integração de imigrantes mais qualificados no país, defendendo a política de “discriminação positiva” em relação aos imigrantes no ano de 2004.

O estabelecimento de perfis migratórios e sua utilização como políticas de categorização, encontrou sua síntese no âmbito político através do conceito de “imigração escolhida” defendida por Nicolas Sarkozy e até pelo seu rival, Dominique de Villepin, Primeiro-ministro, fato esse noticiado ainda em 1º de dezembro de 2005 pelo jornal *Le Monde* e que representa um endurecimento gradativo das política migratórias:

Terça-feira, 29 de Novembro, na sequência de uma comissão interministerial de controle da imigração, de Villepin, anunciou um endurecimento das medidas de reagrupamento familiar, a luta contra a fraude em casamentos e rigorosa seleção mais restrita de estudantes estrangeiros. Agora, os estrangeiros terão um tempo de no mínimo dois anos de estada para que possam trazer sua esposa e filhos e quatro anos de vida em conjunto para ser naturalizado após uma união binacional.¹⁷

¹⁶Serge Dassault « encourage » M. Sarkozy en « une » du « Figaro »

http://www.lemonde.fr/web/recherche_breve/1,13-0,37-1018789,0.html?xtmc=sarkozy&xtcr=24

¹⁷ Le premier ministre durcit sa politique d'immigration

Essa visão favorável à “imigração escolhida” é constituída a partir do trabalho retórico dos meios de imprensa e políticos que estão presentes na radicalização dos discursos sobre a questão migratória. Se de um lado apresenta-se a esquerda e seus setores com um discurso sobre os Direitos do Homem existe, por outro lado, um direita que se assenta sobre a noção de identidade nacional associada à nacionalidade. Nesse contexto descrito por Gérard Noiriel se constrói a ideia do estrangeiro enquanto ameaça e se coloca como tema a “desejabilidade” de certos grupos de imigrante em relação à outros. Esse processo retórico foi sendo reificado à medida que a imprensa passou a cobrir o cenário existente da imigração em toda a Europa sempre como fora controle e permeado por absurdos, principalmente humanitários. Exemplos não faltaram ao longo dos anos:

“A luta contra os clandestinos se generaliza na Europa”¹⁸
Le Monde, 23 de maio de 2008

“Dominique de Villepin procura endurecer sua política de luta contra a imigração clandestina”¹⁹
Le Monde, 12 de maio de 2005

« Carta de intenção de Brice Hortefeux fixa por objetivo uma imigração de 50% econômica. »²⁰
Le Monde, 9 de julho de 2007

“Imigração clandestina não para de crescer”²¹
Le Monde, 21 de junho de 2000

“Na Itália, um clima de caça ao estrangeiro”²²
Le Monde, 16 de maio de 2008

http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=924987&xtmc=sarkozy&xtr=3

¹⁸ La lutte contre les clandestins se généralise en Europe

http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=1037011&xtmc=immigration&xtr=5

¹⁹ Dominique de Villepin cherche à durcir sa politique de lutte contre l'immigration clandestine

http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=900352&xtmc=immigration&xtr=2

²⁰ La lettre de mission à Brice Hortefeux fixe pour objectif une immigration à 50 % économique

http://www.lemonde.fr/societe/article/2007/07/09/m-hortefeux-charge-de-developper-l-immigration-economique_933615_3224.html?xtmc=immigration&xtr=1

²¹ L'immigration clandestine ne cesse de se développer

http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=186583&xtmc=immigration&xtr=6

²² En Italie, un climat de chasse à l'étranger

http://www.lemonde.fr/recherche/resultats.html?keywords=italie&mode=and&exclude_words=&part=all&author=&date_selector=precise_date&start_day=15&start_month=5&start_year=2008&stop_day=16&stop_month=5&stop_year=2008&sort=desc&token=MTM0MjUzNjk3MzIxMzIKREoxMkoz

O debate em torno da questão passará a ganhar importância no ambiente político, já o que no mesmo artigo de 1º de dezembro de 2005, fica clara a pressão exercida pelos setores mais conservadores da política francesa, representados no caso pela figura de Sarkozy, descrito e parafraseado da seguinte forma pelo jornal:

“Nicolas Sarkozy, cuja popularidade cresce a medida em que fortalece sua proposta, divertiu-se e criticou Villepin como ineficiente e angelical.”²³
(*Le Monde*, 1º de dezembro de 2005)

O meio acadêmico, a mídia e a política uniram-se em torno da questão da imigração lhe conferindo um tratamento bastante específico, em que os cálculos de pertinência da estada do imigrante no território agora passava a ser aferida de acordo com as necessidades advindas do mercado de trabalho e à razão de seu custo para o país em termos de seu impacto para a saúde e educação. O diário *Le Monde* noticiou o perfil da imigração na França, no dia 19 de maio de 2006, um balanço do fluxo migratório no país. Segundo a reportagem, o continente africano representava 65% dos fluxos migratórios para o país, sendo apenas 18% desses imigrantes oriundos das regiões subsarianas. A maior parte dos imigrantes (41% dos 65% constatados) eram de origem magrebe, oriundos principalmente da Argélia, do Marrocos e da Tunísia. Ainda que informativo sobre as estatísticas da imigração na França, investido de um caráter imparcial e científico, pode-se perceber no texto que existe um reflexo do processo de qualificação de imigrantes por parte do pesquisador Christophe Daum, antropólogo e membro da unidade de pesquisa de imigração e sociedade da Université Paris – VII, bastante evidente e que circunscreve os mesmos dentro de categorias que servem, ao longo da década, de base para as políticas migratórias do Estado francês. O artigo coloca:

Imigração saariana é caracterizada por duas grandes ondas de migração, explica Christophe Daum, um antropólogo e membro da unidade de pesquisa de imigração e sociedade da Universidade de Paris-VII: "A primeira, das três regiões fronteiriças, como o Mali, a Mauritânia e o Senegal, é essencialmente uma imigração rural. O segundo, originário principalmente de países francófonos (Benim, Gabão, Congo, República Democrática do Congo, Togo, Costa do Marfim ...) é mais uma migração urbana, os mais instruídos.

²³ Immigration « choisie » : Villepin et Sarkozy main dans la main
http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=924948&xtmc=sarkozy&xtcr=10

Imigrantes provenientes dessas regiões têm ensino secundário ou superior.²⁴

Entretanto, é importante notar que esse fato não pode ser atribuído somente à França, visto que países como Itália, Espanha, Alemanha e Inglaterra também observaram esse gradual estreitamento das margens de manobra do imigrante em relação à sua permanência no continente europeu. Apesar de a França apresentar o componente da tradicional noção de “*identidade nacional*” constituída e reiterada pela imprensa de massa, principalmente quando formadora do discurso dos setores mais conservadores da política como mostra a manchete do *Le Monde*:

“Identidade nacional, uma noção recuperada pela direita dura”
(*Le Monde*, 14 de março de 2007).

3.4- Ação Cultural: por uma identidade nacional

Adrian Favell (2001), por sua vez, analisa a mudança gradual da política doméstica a fim de explicar como a questão migratória passou a fazer parte central da sociedade francesa. Favell traz como mote de sua argumentação as políticas de “integração” conduzidas a partir do final dos anos 80.

Segundo ele, o final dos anos 80 foi marcado pela decadência da hegemonia da esquerda na França e a convergência dos discursos de esquerda e de direita em relação às questões migratórias, fato esse confirmado no início dos anos 90 com a reforma do chamado “Código de Nacionalidade” no verão de 1993, então conduzida pelos políticos centro-direitistas influenciados - ainda que não compartilhando da característica radical - pela direita nacionalista de Le Pen. O lado centro-direitista da política francesa formava em sua grande maioria o “Alto Conselho de Integração” e fornecia os relatórios que fundamentavam a reforma. A reforma do “*Código de Nacionalidade*” expressa pela lei “*Méhaignerie*” de 93, não previa que, tendo nascido no território francês um indivíduo tivesse direito à nacionalidade francesa (*ius soli*) e teve como principal consequência prática a imposição da escolha de nacionalidade para aqueles que fizeram o pedido entre 16 e 21 anos e que

²⁴ 18 % des flux migratoires sont d'origine subsaharienne . *Le Monde*, artigo publicado dia 19.05.2006 disponível em:

http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=945397&xtmc=immigration&xtr=2 último acesso em 25/04/2013

estivessem habitando o país há pelo menos cinco anos, formando assim classes de imigrantes – aqueles que atendem às exigências e aqueles que não as atendem. Após a “Lei Guigou” de 1997, ficou expresso que aqueles que tivessem nascido na França e que habitavam o país há mais de cinco anos poderiam adquirir a nacionalidade francesa, sendo que lhes era aberta a possibilidade de recusá-la aos 18 anos.

Fruto de pressões variadas, como a preocupação com descentralização regionalista da nação, a pressão da União Europeia e a emergência de um pluralismo político que ganhava força, a reforma do “Código de Nacionalidade” teve a importância de trazer de volta ao centro da política interna um grupo social que já pertencia à vida social da França ainda que marginalizados, tornando-os centrais no movimento de reintegração do país, os chamados “imigrados”, pegos no meio do caminho entre a condição de *estrangeiros* e cidadãos (FAVELL, 2001:151).

Entretanto, deve-se notar que as reformas ocorridas em 1993 no “Código de Nacionalidade” só puderam ser possíveis devido ao consenso público alcançado em relação à questão do imigrante, englobando inclusive a intelectualidade da esquerda da França, que, em seus pronunciamentos, defendia o direito ao individualismo (paradoxalmente contrária às clássicas ideias coletivistas) principalmente no que dizia respeito às comunidades muçulmanas e suas tradições.

Dessa forma, o que fica claro ao analisarmos o caso francês é que o fenômeno da imigração passou a servir de ferramenta para o alcance de um consenso interno no país em relação ao nacionalismo e seu fortalecimento dentro do mundo cada vez mais plural e multicultural no pós-Guerra Fria. Se, por um lado, a União Europeia passou a exercer mais influência sobre o cotidiano do imigrante, garantido a ele um conjunto de direitos sociais, as leis de imigração sob jurisdição francesa os mantinham sob a condição de cidadãos de segunda classe. (FAVELL, 2001:171) Como conclui Adrian Favell: “Esta estratégia não é nem consistente, nem uma maneira justificável de promover uma melhor integração num contexto europeu e internacional”(FAVELL, 2001:171).

Nesse sentido, poderíamos afirmar que os imigrantes na França sempre estiveram na condição de objetos dentro da sociedade e nunca sob uma condição de sujeito. Diante dessa constatação, a mídia exercerá um papel de expressiva relevância, na medida em que coloca em pauta um conjunto de temas que estarão presentes na própria sociedade. A mídia deve ser encarada como um prisma gigante, separando a imensa massa de assuntos públicos em itens menores – holofotes individuais que iluminam áreas particulares da política pública.(COHEN apud ROSENAU, 1967:195).

Essa divisão temática encontrada em editoriais – política, economia, sociedade, internacional, etc. - deve ser analisada ainda, segundo Cohen, a partir da percepção existente entre os comunicadores de que os assuntos relacionados à política externa são periféricos nos interesses dos leitores, em sua grande maioria muito mais interessados em assuntos considerados próximos de sua realidade – o âmbito doméstico. Sua atenção é ganha, segundo esses comunicadores, se versarem sobre emoções e envolvimento basicamente humanos. (COHEN apud ROSENAU, 1967: 256). É a partir desse pressuposto que se articularão diferentes estratégias discursivas de atores oriundos da opinião pública, dos próprios meios de comunicação e dos governos.

Dessa forma, se pode concluir que a temática da imigração passou a fazer parte do cotidiano da sociedade, e não mais dos departamentos de imigração do Estado, quando aparece nos noticiários enquanto um “problema” social e não mais um fenômeno natural entre os países.

Os imigrantes pertencerão, nessa visão, ao domínio do externo, ou seja, ao domínio onde impera a desordem e a ilegalidade, diametralmente diferente do domínio interno, composto em última instância pelo ideal ordenador do Estado. Será, como consequência, na crítica ao estabelecimento de fronteiras nos menores níveis da sociedade (no acesso aos serviços públicos, direitos trabalhistas, mercado de trabalho, acesso à segurança, e etc.) que os pós-estruturalistas irão fundamentar seus argumentos em relação à formação da identidade e suas problematizações. Identidades formadas em grande medida a partir da lógica binarista do “Eu” e do “Outro”, na qual o “Outro” será o imigrante problematizado em sua condição no interior do país receptor. A mídia, portanto colocou o fenômeno da imigração em sua pauta como um problema e as exigências por parte da sociedade como reações às consequências do fenômeno migratório atual.

4 - A campanha presidencial de 2012

A campanha presidencial da França em 2012 foi marcada por um cenário de incertezas e debates sobre quais rumos o país deveria seguir diante de um cenário doméstico e internacional em crise. Desde 2008, ano do início da crise do crédito nos Estados Unidos e a posterior dificuldade de muitos governos europeus em refinanciar suas dívidas públicas, a França tem tido um papel chave na condução dos rumos políticos na Europa. Com a Alemanha, motor do crescimento do bloco europeu, como protagonista na condução das políticas europeias de austeridade, coube à França de Sarkozy dar o apoio político para a implantação de medidas pouco populares e de caráter austero vindas de Berlim. Sob o argumento da necessidade de controle das contas públicas e redução do déficit orçamentário, a Alemanha passou a impor um pacto econômico aos seus parceiros europeus para que esses pudessem receber pacotes de ajuda financeira via as instituições do bloco europeu. À França, o papel era basicamente prover no núcleo formador as políticas na Europa, o apoio às políticas do maior e mais rico país europeu ocidental, a Alemanha.

A desaceleração econômica, os cortes orçamentários, a redução do aparato estatal e a consequente crise de emprego advinda dessas medidas recessivas tornaram-se evidentemente os pontos cruciais a serem debatidos na campanha presidencial que bateu às portas do Palácio do Eliseu em abril. Sarkozy, que havia governado quatro dos seus cinco anos de governo em um contexto de crise econômica tinha agora que prover soluções para os problemas aparentemente insolúveis que o seu país, assim como, praticamente todo o continente europeu atravessa. A missão não seria fácil, principalmente levando-se em consideração que as populações europeias vinham dando sinais claros de que as políticas levadas a cabo nos últimos anos traziam todos os malefícios de uma política econômica restritiva, porém poucos dos benefícios prometidos. E seria nessa tecla que o Partido Socialista francês, na figura do candidato à presidência François Hollande iria focar nos principais debates.

Era, portanto, necessário negociar agora não mais com a Alemanha de Angela Merkel os rumos da França, mas com os franceses. E os problemas para Sarkozy aumentariam. Se por um lado o seu partido, o UMP (Union pour un Mouvement Populaire), sofria as investidas do Partido Socialista no campo da esquerda, no campo político também da direita a ameaça à reeleição vinha do principal partido de extrema-direita, o Front National representado nas eleições por Marine Le Pen, filha de Jean-Marie Le Pen, político notório pelos seus discursos contrários à política de imigração na França.

Marine Le Pen, uma elegante senhora loira de perfil mais moderno e popular que seu pai, conseguia transmitir os ideais do partido de maneira mais clara à população. Em diversas reportagens a sua personalidade foi sendo analisada ao longo dos últimos anos pelos especialistas políticos, tanto na França quanto no exterior. Diversas reportagens sobre o perfil de Madame Le Pen havia sido traçado por revistas como a *Newsweek* e o *The New York Times* nos Estados Unidos assim como a sua participação progressiva nos jornais e revistas franceses aumentou consideravelmente, principalmente, nos anos em que Sarkozy esteve no poder. As razões para esse aumento de espaço dado pelos jornais franceses à figura de Marine Le Pen poderia ser explicado pela própria política de Sarkozy no que concernia à imigração. Ironicamente, Sarkozy vinha alimentando ao longo dos anos com a criação do Ministério da Imigração e Identidade Nacional a via política pela qual sua concorrente de extrema-direita poderia se inserir em um debate em escala nacional.

No dia 02 de abril de 2012, um artigo foi publicado pela jornalista Elise Vincent do jornal *Le Monde* na matéria intitulada Imigração: a volta do senhor Sarkozy (Immigration :le virage de M. Sarkozy²⁵). Neste artigo, a jornalista relembra de maneira muito apropriada a trajetória que Sarkozy havia trilhado até aquele início de campanha eleitoral. Vincent inicia seu texto recordando que na campanha de 2007, chefe de Estado (na época, Sarkozy era Ministro do Interior francês) havia proposto ao eleitorado, sobretudo, uma história de palavras, uma questão de valores. Sarkozy queria em desafio em torno da “identidade nacional”, um tema de “direitos e deveres”. Como afirma Vincent em seu artigo, foi justamente nesse espírito que ele proporia a criação de um Ministério da Imigração e Identidade Nacional.

Entretanto, como a jornalista observa, em sua análise, o que ocorreu de fato ao longo de três anos de mandato foi uma política de convencimento por parte do governo central francês de que ocorria uma triagem no fluxo imigratório na França, política essa posta em cheque quando observado que houvera um aumento de 34% no número da imigração de trabalho na França, segundo dados oficiais e publicados na matéria. Apesar dos números e graça à esse duplo discurso, Sarkozy conseguia agradar tanto o campo mais conservador quanto o campo mais centrista e liberal de sua maioria parlamentar. Como afirma Vincent em seu artigo, comparado ao período mais recente, esse período poderia até ser descrito com um período mais humanista. Era, segundo os próprios termos de Vincent, um período de

²⁵ Immigration : le virage de M. Sarkozy – publié 01 avril 2012 – Artigo de Elise Vincent
http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=1187430&xtmc=immigration&xtr=3

imigração “Sim, se...” , ou seja, os novos imigrantes poderiam vir pra França se fossem qualificados. Sim, eles poderiam se instalar se aderissem “aos princípios da República” e à “assimilação”.

Foi somente no verão de 2010, em seu discurso em Grenoble, que Sarkozy viria promover uma mudança em relação à questão migratória. O verdadeiro “não” a imigração. É no contexto dos levantes ocorridos no subúrbio daquela cidade onde se repetiam os mesmos atos de vandalismo e explosão de violência que haviam ocorridos cinco anos antes na França, tendo inclusive sido ferido um policial no início dos distúrbios, que o presidente lançaria a ideia de retirada da nacionalidade dos “delinquentes estrangeiros”. Evidentemente, a repercussão na mídia do termo acabou por localizar mais uma vez a ameaça estrangeira no interior da sociedade. Como lembra Elise Vincent, a proposição da nova política foi clara a partir de então: todos os jovens de 16 a 18 anos teriam os seus direitos de acesso à nacionalidade revistos tendo como alvo dessa política os imigrantes de origem romena.

Como visto posteriormente, a situação romena e a expulsão de inúmeros imigrantes foi noticiada pelos jornais franceses como nas manchetes

- Operação da polícia em um campo de romenos em Créteil ²⁶

Le Monde, 25 de janeiro de 2012

■ Expulsão de romenos pela França foi « discriminatória », segundo Europa²⁷

Le Monde, 10 de novembro de 2011

- Associações denunciam « expulsões disfarçadas » de romenos ²⁸

Le Monde, 20 de setembro de 2011

- Expulsão de romenos: a guerra de dados ²⁹

Le Monde, 30 de julho de 2011

²⁶ “Opération de police dans un camp de Roms à Créteil”

http://www.lemonde.fr/societe/article/2012/01/25/operation-de-police-dans-un-camp-de-roms-a-creteil_1634148_3224.html?xtmc=roms&xtcr=1

²⁷ (L'expulsion des Roms par la France en 2010 était "discriminatoire", selon l'Europe)

http://www.lemonde.fr/societe/article/2011/11/10/l-expulsion-des-roms-par-la-france-en-2010-etait-discriminatoire-selon-l-europe_1602174_3224.html?xtmc=roms&xtcr=3

²⁸ (Des associations dénoncent des "expulsions déguisées" de Roms)

http://www.lemonde.fr/societe/article/2011/09/20/des-associations-denoncent-des-expulsions-deguisees-de-roms_1575120_3224.html?xtmc=roms_associations&xtcr=6

²⁹ (Expulsion des Roms : la guerre des chiffres)

http://www.lemonde.fr/web/recherche_breve/1,13-0,37-1164011,0.html?xtmc=roms_associations&xtcr=7

-Segundo Brice Hortefeux, 70% dos campos ilegais romenos foram evacuados³⁰

Le Monde, 18 de fevereiro de 2011

Apesar de a questão romena ter tido efeitos práticos negativos sobre a comunidade de imigrantes, o que podemos perceber é que ela serviu mais como um símbolo de força por parte do corpo político nacional face aos distúrbios ocorridos no sudeste da França do que uma política ostensiva de expulsão de imigrantes do território francês. Como visto pôde ser posteriormente, em fevereiro de 2011, o Senado francês aprovou uma série medidas de facilitação de alojamento de imigrantes ilegais e em junho do mesmo ano a política governamental de restrição do acesso à nacionalidade francesa aos jovens imigrantes foi rejeitada pelo legislativo.

O problema, como aponta Elise Vincent em seu artigo de 02 de abril, da mudança de discurso sobre a imigração na França por Nicolas Sarkozy, reside sobre as motivações que o levaram a endurecer sobre a questão. Para a jornalista, três elementos básicos foram preponderantes nessa guinada contra os estrangeiros. Primeiro, houve em 2010 uma grande derrota dos partidos da centro-direita nas eleições regionais, dentre eles o UMP de Sarkozy ao mesmo tempo que o partido Front National aumentava consideravelmente sua influencia nos diversos departamentos que compõem o país. Além do disso, havia a necessidade de ocupar o terreno midiático numa ação que os francês chamaria de “*cache-misère*”, segundo termos da própria jornalista, ou seja colocar uma vestimenta nova para esconder as roupas velhas e sujas usadas embaixo. Essa analogia se referia à preocupação com a permeabilidade das fronteiras e a necessidade de uma política mais dura face o balanço negativo relativos a segurança e dos males da crise econômica.

Nesse ponto, podemos considerar, a partir do arcabouço teórico do Newsmaking apresentado nesse trabalho, que o trabalho da imprensa na produção das matérias foi ao longo daqueles anos como sendo oriundo da *ação social* de determinados atores. No caso, o presidente da França e seu corpo de ministros e assessores tinham como principal com o objetivo influenciar a mídia e os leitores do *Le Monde* de que as políticas migratórias na França necessitavam de um realinhamento em direção ao maior controle das fronteiras, em nível doméstico e europeu, mas, sobretudo, de imposição da ordem e legalidade no interior da sociedade francesa. Nesse sentido, a imputação do problema sobre a figura do imigrante

³⁰ (Selon Brice Hortefeux, 70 % des camps illégaux de Roms ont été évacués)

http://www.lemonde.fr/societe/article/2011/02/18/selon-brice-hortefeux-70-des-camps-illegaux-de-roms-ont-ete-evacues_1481870_3224.html?xtmc=roms&xtcr=10

criava uma figura concreta fácil de qualquer cidadão reconhecer como sendo umas das principais causas dos problemas enfrentados pelo governo até então e não uma abstração sobre o crescente endividamento público e a deterioração da saúde econômica da França que não teria chance alguma de melhorar rapidamente, diferente da imagem de expulsão de estrangeiros ilegais, que tem efeitos mais imediatos.

Entretanto, como analisado por Elise Vincent, havia uma dicotomia entre o discurso de Sarkozy e a sua prática na questão migratória. Se no ambiente político essas práticas lhe garantiam apoios em ambos os lados do espectro político, em uma corrida eleitoral as cartas não podiam ser jogadas da mesma forma. O preço seria enfrentar um balanço, por parte de seus adversários, das suas políticas de endurecimento no discurso e permissão de estada de estrangeiros no território francês. E o resultado nas urnas foi claro no primeiro turno de 26 de abril. O que se viu na França foi um cenário de perplexidade diante da votação recorde que obteve o Front National. Marine Le Pen havia conquistado 17,8% dos votos na França, contra 26% de Nicolas Sarkozy e 29% de François Hollande. Mas como explicar um partido de extrema-direita, por muitos considerado um partido xenófobo, obter tamanha representatividade nas urnas? Uma das maneiras que poderíamos entender o resultado das urnas na França é justamente através do trabalho da imprensa ao longo daqueles últimos anos.

Se partirmos da hipótese da teoria do agendamento, a ação da mídia no conjunto de conhecimentos sobre a realidade social forma a cultura e age sobre ela. Como argumentado por Pena, são necessárias três características básicas na ação da mídia para que ela constitua uma nova cultura e tenha impacto. A primeira é a acumulação, ou seja, criar e manter a relevância do tema. A segunda é a consonância, ou seja, a semelhança nos processos produtivos de informação que tende a ser mais significativo do que a diferença. E, por fim, a onipresença, sendo o fato de a mídia estar em praticamente todos os lugares de maneira consensual por parte do público que reconhece a sua influência como formadora de opinião. Esse três condicionantes puderam ser vistos em uma candidata, Marine Le Pen. A comunicação proposta por Marine Le Pen foi muito bem articulada por seus assessores, que se serviu de mensagens fáceis de serem compreendidas por aqueles que as escutavam, sejam a favor ou contra. Esse fato esse comprovado na reportagem do dia 26 de abril da repórter Sylvia Zappi intitulada “Votei no FN pela primeira vez”³¹. No artigo, Zappi descreve com clareza os motivos pelos quais Marine Le Pen encontrara tamanha força política frente aos

³¹ (*J'ai voté FN pour la première fois*)” http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/04/26/des-primo-electeurs-de-marine-le-pen-parlent_1691971_1471069.html?xtmc=vote&xtr=26

outros dois principais partidos do país, o UMP de Sarkozy e o Partido Socialista de Hollande. Segundo a jornalista, a capacidade de Marine Le Pen em promover um discurso unificador, não constituinte do status quo político do país e ser possibilidade de ser o fiel da balança na disputa eleitoral no segundo turno foram alguns dos motivos pelo qual a candidata obteve tamanha repercussão na campanha. Como mostra Zappi a insatisfação com a classe política de até então era evidente como mostra o trecho :

[...] Antigos eleitores de Nicolas Sarkozy ou fiéis até então à esquerda, encontraram em Marine Le Pen a porta-voz de todas as suas cóleras. “*Escolhi protestar chocando. Meu voto é um eletrochoque, sem correr o risco de agravar a situação*”, conta Nicolas K., restaurador de Vincennes (Val-de-Marne), que diz esperar ainda “que as coisas mudem ou demos a eles a impressão que nós trabalhamos”. “Eu quero que meu voto sirva de lição a essa classe política que faz piada de nosso país e de seus habitantes”, conta Patrice B., habitante de Choissy-le-Roy (Val-de-Marne). “Talvez eu tenha me enganado, mas o mundo político também nos engana demais”, acrescenta por fim esse homem de 59 anos [...]³²

Além de Le Pen representar uma figura quase *outsider* do cenário político da França aos olhos de muitos do eleitorado insatisfeito, Marine Le Pen utilizou de maneira constante a estratégia de demarcação de fronteiras no sentido proposto por Stuart Hall, David Campbell e Dyer, com o slogan “A candidata dos invisíveis”. Invisíveis era o tocava na alma de milhares de jovens desempregados, operários com empregos em xeque e liberais que viam seu padrão de vida diminuir progressivamente. Todos tinham em comum sua insatisfação com o sistema capitalista globalizado e extremamente competitivo e desigual. A Europa e o mundo já não representavam possibilidades de crescimento mas, sim, um perigo que devia ser restringido por um Estado forte e atuante na demarcação das suas fronteiras. Nesse contexto, a figura mais visível e que adquiria um caráter concreto na abstração teórica chamada “globalização” eram os estrangeiros que viviam nas cidades e participavam agora, num mercado de trabalho mais restrito, como competidores. Em diversos discursos de Le Pen a localização dos perigos no interior do Estado, a imposição dos estereótipos e a demarcação da alteridade, sobretudo do imigrante, eram o mecanismo fundamental para a construção de uma lógica voltada à

³² Artigo de Sylvia Zappi publicado no jornal impresso do *Le Monde* de 26 de abril de 2012

defesa de uma pretensa identidade nacional em que imperariam a ordem, a assistência coletiva e a lei. Esse fatos podem ser comprovados quando analisamos no mesmo artigo de Zappi os depoimentos de alguns eleitores no que diz respeito ao imigrante e o fenômeno da globalização e a análise da jornalista sobre os seus entrevistados:

[...]Em todo o caso, eles estavam em vias de encarar um mundo que lhes era estrangeiro e que reconheciam como incompreensível e hostil. Aos olhos deles, a senhora Le Pen é a única a os escutar. Seu slogan “a candidata dos invisíveis” os toca e numerosas mensagens fazem parte de uma verdadeira admiração pela personalidade da candidata. Eles a acham pujante, corajosa e próxima das pessoas... “*Marine Le Pen carrega uma dimensão humana à política. Ela nos fala.*”, conta Marcel C., operário na usina da Renault de Flins (Yvelines). “*Ela nos defende, suas medidas nos toca a todos.*”, acrescenta esse cinquentenário, que sempre votou “tradicionalmente” no Partido Socialista. [...] ³³

Mas não foi apenas no campo da extrema-direita que o trabalho da imprensa foi analisado. No campo centro-direitista, a percepção que a imprensa havia ditado a agenda pela qual os candidatos seriam remetidos no debate foi claro, como pode ser lido no seguinte trecho de depoimentos de partidários de Nicolas Sarkozy, na reportagem “Com os militantes sarkozystas: procurar as vozes junto a Marine Le Pen”³⁴ do jornalista Eric Nunès de 23 de abril de 2012:

“(...)_É culpa da imprensa que falaram do estilo do presidente e esqueceram do contexto, assegura Pierre Seillier. “Nada de debate fiscal, educação, emprego...A imprensa foi realmente parcial”, lamenta. (...) A campanha da esquerda foi construída sobre a difamação ao presidente, se insurge Alexis Patarot”

Le Monde, 23 de abril de 2012

A percepção por parte desses eleitores do UMP era de que a imprensa e os setores de esquerda haviam se alinhado para debater não as propostas, mas sim, as características pessoas de Sarkozy. Para a opinião pública em geral, com o percentual de votos que Le Pen

³³ ³³ Artigo de Sylvia Zappi publicado no jornal impresso do *Le Monde* de 26 de abril de 2012

³⁴ (*Avec les militants sarkozystes : "chercher des voix chez Marine Le Pen"*)http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/04/23/avec-les-militants-sarkozystes-chercher-des-voix-chez-marine-le-pen_1689565_1471069.html?xtmc=le_pen&xtcr=18

obtivera no primeiro turno, Sarkozy seria obrigado a abraçar ideias que antes estavam muito mais no campo discursivo do que prático, ou seja, o endurecimento das políticas que se referiam à entrada de imigrantes ilegais na França, para que pudesse ganhar as eleições no segundo turno com o apoio dos eleitores de Le Pen. Entretanto, o jogo político proposto pelo partido Front National no que se referia à imigração havia causado uma enorme repercussão negativa dentro e fora da França. Seria necessário ajustar o discurso de forma que nem o corpo político do país e nem os grandes veículos de imprensa atuassem como interlocutores diretos do partido que havia de ser o fiel da balança no segundo turno das eleições, caso opinasse em apoiar diretamente um dos candidatos remanescentes. Essa preocupação foi minimizada nos dias subsequentes ao ser anunciado, pela própria Marine Le Pen que seu partido não iria apoiar qualquer candidato no segundo turno. Com a equidistância política do Front National no segundo turno, os discursos puderam adquirir um tom menos radicalizado, porém não menos feroz. Como apontado por Abdelmalek Sayad, a questão migratória na França cedo ou tarde aparecia nos debates presidenciais, principalmente quando o país atravessava períodos de crise econômica e a discussão do papel do imigrante no país voltava a ser discutido como mostram as reportagens e artigos.

-Imigração: François Hollande endurece a posição do PS sobre a retenção³⁵

De Elise Vincent no *Le Monde* de 03 de maio de 2012.

- Os momentos-chave do debate Hollande-Sarkozy³⁶

Reportagem do *Le Monde* de 03 de maio de 2012

Se o imigrante antes representava o “perigo” à ordem e a identidade nacional, numa visão mais simplista e estereotipada, agora a defesa dos valores da República francesa deveriam perpassar um âmbito muito mais complexo, o da discussão político-partidário. Os debates programáticos, num todo foram raros, e centraram-se, sobretudo, nos valores a serem defendidos por ambos os partidos, como mostra a reportagem de Vanessa Schneider

³⁵ (*Immigration : François Hollande durcit la position du PS sur la rétention*)

http://www.lemonde.fr/societe/article/2012/05/03/immigration-francois-hollande-durcit-la-position-du-ps-sur-la-retention_1694890_3224.html?xtmc=hollande&xtr=35

³⁶ (*Les moments clés du débat Hollande-Sarkozy*)

http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/05/03/les-moment-cles-du-debat-hollande-sarkozy_1694468_1471069.html?xtmc=hollande&xtr=7

intitulada, “Para Sarkozy, “a esquerda não ama a República” (Pour M. Sarkozy, "la gauche n'aime plus la République") do *Le Monde* no dia 04 de maio de 2012 sobre o discurso de Sarkozy sobre a defesa da República, em Toulon, em seu último discurso antes do derradeiro turno, dois dias depois:

[...]A esquerda traiu a República com sua complacência face o comunitarismo, com a sua complacência face à delinquência, com sua complacência face à imigração ilegal, com sua recusa à autoridade, sua recusa com a responsabilidade, com a desvalorização do trabalho, sua vontade de apagar as fronteiras, com sua obstinação de fazer crer que tudo é válido, com sua queda com o corporativismo e clientelismo.(...) Essa esquerda que abandonou os bairros, que abandonou as usinas, que abandonou os operários (...) essa esquerda que detesta o dinheiro salvo quando aquele que é seu (...) essa esquerda que não passa nada aos outros, mas que se permite tudo. A esquerda que não ama mais a República.”³⁷

Como pode ser percebido, houve uma ampliação do foco a ser debatido por Nicolas Sarkozy, entretanto, ele teria de enfrentar nas urnas as consequências de uma crise econômica aguda e a consequente deterioração da qualidade de vida dos franceses devido não à concorrência com o trabalho do imigrante em solo francês mas a imposição de medidas econômicas extremamente recessivas que ironicamente, apesar de virem de Berlim, haviam encontrado eco no seio do Palácio do Eliseu, em Paris. Apesar de estarem muito presentes nas páginas do *Le Monde*, a questão migratória não tinha nem de perto o espaço que era dado a situação econômica europeia e, principalmente, francesa no contexto da crise. Se entre 22 de abril e 06 de maio, datas dos turnos eleitorais da França, pode ser contabilizado 44 artigos referentes à imigração no site do *Le Monde*, um número infinitamente maior de artigos haviam sido publicados sobre a situação econômica do país, envolvido no meio de uma crise sem precedentes no bloco europeu.

De toda forma, é importante notar a recorrência que existe sob o tema da imigração no contexto dos debates políticos na França e em que termos os imigrantes

³⁷Pour M. Sarkozy, "la gauche n'aime plus la République") disponível em : http://www.lemonde.fr/cgi-bin/ACHATS/acheter.cgi?offre=ARCHIVES&type_item=ART_ARCH_30J&objet_id=1191948&xtmc=republique&xtr=30 Último acesso em 25/04/2013

são referenciados e imaginados pela população francesa, seus políticos e sua mídia, sobretudo, num contexto pouco favorável a chegada de pessoas fora do âmbito doméstico.

5 – Conclusão

Ao longo deste estudo, pudemos constatar que a produção jornalística do *Le Monde* sofreu a influência de diversas pressões internas e externas ao jornal na construção da imagem do imigrante no interior da sociedade francesa.

A partir das teorias dos Estudos Culturais e do Jornalismo, pudemos observar que a produção jornalística obedeceu a lógicas que circunscreviam o imigrante sob aspectos do risco à segurança nacional, ao bem-estar social e à criminalidade. Esses temas foram ressaltados a partir de 2007 quando Nicolas Sarkozy assumiu a presidência da França ao ressuscitar o debate em torno da identidade nacional. O tema, que já havia sido proposto em décadas passadas pelo partido de extrema-direita Front National, foi posto no centro das discussões políticas a partir dos distúrbios ocorridos nas periferias de grandes cidades francesas.

O agendamento proposto por Sarkozy foi levado a cabo pela grande imprensa. O *Le Monde* também se inseriu nos debates e, ao fazê-lo, assumiu uma linha editorial, consciente ou inconsciente, que vislumbrava o fenômeno da imigração sob a ótica política. A cobertura da questão, pelo *Le Monde*, teve como grande característica o favorecimento de fontes primárias oriundas do campo político. Esse fato não foi novo e muito menos ocorreu apenas com o *Le Monde*, respeitou apenas uma característica do fazer jornalismo francês que vislumbra na autoridade política uma fonte mais qualificada de opinião por representar, a princípio, a opinião das instituições do Estado.

Esses elementos básicos puderam ser lidos a partir da análise do poder. As fronteiras precisavam ser claras assim como os estereótipos que seriam empregados pelos políticos e repercutidos nas páginas dos jornais. Se nos orientarmos pelos estudos de Dye e Hall, os estereótipos tenderam a ocorrer onde existia uma grande desigualdade de poder. Em geral sendo dirigido a um grupo excluído ou subordinado.

Entretanto, essa circunscrição de estereótipos só foi possível na medida em que houve uma hegemonia, hegemonia essa entendida como a forma de poder pela qual as lideranças tiveram ascendência e comando sob a forma de autoridade consentida, o que lhe deu aparência de naturalidade e inevitabilidade.

Como visto, a política relacionada à imigração na França durante o mandato de Nicolas Sarkozy oscilou entre o endurecimento discursivo e a busca pelo equilíbrio entre posições mais duras ou mais liberais no campo político. Entretanto, com a crise econômica, a

ameaça terrorista e o agravamento das tensões sociais, em 2012 o presidente francês foi obrigado a lançar mão mais uma vez do combate à “ameaça estrangeira” para tentar a reeleição presidencial.

A ascensão do partido Front National nos últimos cinco anos demonstrou como o debate a-cerca do imigrante havia de fato tomado conta da mídia ao longo do tempo. O tema que antes passava à margem dos debates agora era central. E decisivo. Sob o julgo das críticas de Marine Le Pen, do Front National, o Estado francês sob o comando de Sarkozy teve de encarar as páginas dos jornais com as sempre incisivas declarações da direita-dura francesa. Tanto os poderosos quanto os subordinados estavam imersos (mas não em termos iguais) na circulação do poder. Ninguém podia estar fora do campo de atuação da circulação do poder. Nesse sentido, a imprensa pode ser considerada como um veículo mediador desses processos do âmbito da vida pública, uma vez que supriu a sociedade de informações que eram propagações diárias de acontecimentos comuns a todos os cidadãos e que levam à ideia de pertencimento coletivo e de enredo comum da vida social. E, para a infelicidade do imigrante, um enredo pouco favorável à sua permanência.

Em 2012, Nicolas Sarkozy foi derrotado pela esquerda nas urnas. Mas tanto a centro-direita quanto a centro-esquerda, viram ascender os discursos dos partidos mais extremados e observaram nas urnas que na última década a problemática migratória fará parte invariavelmente dos debates políticos. Estarão presentes nas páginas de jornais (por vezes, nas manchetes) e que a retórica anti-imigração ganha cada vez mais força num cenário de grandes crises políticas, sociais e econômicas na Europa.

Aos jornais, caberá fazer uma profunda reflexão sobre o fazer jornalismo, pois as vezes que eles amplificam através de seus cadernos de notícias, também silenciam os que, por vezes, mais precisavam ser escutados.

BIBLIOGRAFIA

Livros, artigos e teses

BAYART, Jean-François. *L'illusion identitaire*. Paris: Fayard, 1996.

CAMPBELL, David. *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity*. Rev. ed. Minneapolis, Minn.: University of Minnesota Press, 1998.

COHEN, Bernard Cecil, *Mass Communication and Foreign Policy* in James N. Rosenau ed., *The Domestic Sources of Foreign Policy*. New York: Free Press, 1967

COHEN, Bernard Cecil. . *The press and foreign policy*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1963.

FAVELL, Adrian; GEDDES, Andrew. *European integration, immigration and the nation state: institutionalising transnational political action?*. San Domenico, Itália European University Institute. Robert Schuman Centre, 1999.

FAVELL, Adrian. EBRARY, INC. *Philosophies of integration: immigration and the idea of citizenship in France and Britain*. 2nd ed Houndmills, Basingstoke, Hampshire; New York, N.Y.: Palgrave in association with Centre for Research in Ethnic Relations, (Migration, minorities, and citizenship), University of Warwick, 2001.

GÉRARD, Noiriél. *Gens d'ici venus d'ailleurs – La France de l'immigration 1900 à nous jours*. Éditions du Chêne-Hachette Livre, Paris, 2004.

GÉRARD, Noiriél. *Population, immigration et identité national en France XIX – XX siècle*. Hachette Supérieur, Paris, 1992.

HALL, Stuart. “The Spectacle of the ‘Other’”. In: _____ (org.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 1997, p.223-290.

HOLSTI, Ole. *Public Opinion and Foreign Policy: Challenges to the Almond-Lippman Consensus*”. *International Studies Quarterly* 36 (December 1992).

LIPPMAN, Walter. *Public Opinion*. New York: Free Press, 1922

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2008

McCOMBS, Shaw. *The emergence of american political issues: the agenda-setting function of the press*. Saint Paul: West Publishing Co. , 1977

MILBRATH, Lester. *Interest Groups and Foreign Policy* in James N. Rosenau ed., *The Domestic Sources of Foreign Policy*. New York: Free Press, 1967.

NOELLE-NEUMANN, E. *La espiral del silencio: opinion publica – nuestra piel social*. Barcelona: Paidós, 1995

SAYAD, Abdelmalek, *A Imigração – Ou os paradoxos da alteridade*, Ed. Edusp, SÃO PAULO, 1998.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*, Ed. Contexto, São Paulo, 2005

AMARAL FILHO, Nemézio. *O Passo-a-Passo da Monografia de Jornalismo*. Ed. XXXX, São Paulo, 2008

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: a social history of american newspapers*. New York: Basic books, 1978

SCHUDSON, Michael. *The Power of news*. Cambridge: Harvard University Press, 1996

SHOEMAKER, Pámela J. ; Reese, Stephen D. *Mediating the message: theories of influence on mass media content*. New York: Longman, 1991

Artigos e notícias

ANNAN, Kofi; *Immigration : pour une stratégie européenne*, *Le Monde*; 29 de Janeiro de 2004.

BAUDRY, Constance & PÉLLISIER-COMBESCURE, Guillaume; *Quelle politique de l'immigration ?*; *Le Monde*, 27 de janeiro de 2005.

CEAUX, Pascal, LHOMME, Fabrice; *D'éventuels liens en France avec les attentats*, *Le Monde*, 15 de setembro de 2001.

DELATTRE, Lucas et. Al., *L'immigration clandestine ne cesse de se développer*, *Le Monde*, 21 de junho de 2000.

LE MONDE.FR; *Immigration : le Pacte que Paris propose à l'Europe*; *Le Monde*; 08 de julho de 2008.

LE MONDE.FR; *Création d'une nouvelle police de l'immigration pour traquer les clandestins*, *Le Monde*; 11 de agosto de 2005.

FERENCZI, Thomas; *L'afflux d'immigrés force l'Europe à revoir sa relation à l'Afrique*; *Le Monde*, 08 outubro 2005.

REUTERS Ag. & AFP; *La France se dote d'un observatoire sur l'immigration*, *Le Monde*, 02 de julho de 2004.

REUTERS Ag. & AFP; *L'Insee dresse un portrait de l'immigration en France*, *Le Monde*, 24 de agosto de 2006.

Le Monde.fr ; Selon Brice Hortefeux, 70 % des camps illégaux de Roms ont été évacués
http://www.lemonde.fr/societe/article/2011/02/18/selon-brice-hortefeux-70-des-camps-illegaux-de-roms-ont-ete-evacues_1481870_3224.html?xtmc=expulsion_roms_roms&xtcr=43
Ultimo acesso 21/05/2012

Le Monde.fr - Expulsion des Roms : la guerre des chiffres
30.07.11

http://www.lemonde.fr/web/recherche_breve/1,13-0,37-1164011,0.html?xtmc=expulsion_roms_roms&xtcr=32

Le Monde.fr avec AFP Des associations dénoncent des "expulsions déguisées" de Roms
| 20.09.2011 ULTIMO ACESSO EM 21/05/2012

http://www.lemonde.fr/societe/article/2011/09/20/des-associations-denoncent-des-expulsions-deguisees-de-roms_1575120_3224.html?xtmc=expulsion_roms_roms&xtcr=18

Délinquance : le bilan de M. Guéant contesté par l'opposition

http://www.lemonde.fr/election-presidentielle-2012/article/2012/01/17/delinquance-le-ps-denonce-un-exercice-de-maquillage-par-m-gueant_1630632_1471069.html?xtmc=immigration_flux_migratoires&xtcr=4

08 DE MARÇO DE 2012 – ÚLTIMO ACESSO EM 25 DE JUNHO 2012